

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS BIBLIOTECONÔMICOS – DEPB
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA – EB

Priscila Cervo

**A CONSTRUÇÃO DA ATUAL FUNDAMENTAÇÃO DO PENSAMENTO
BIBLIOTECONÔMICO NA GRADUAÇÃO NO BRASIL:**
um estudo a partir de matrizes curriculares, ementas e programas de disciplinas

Rio de Janeiro

2016

Priscila Cervo

**A CONSTRUÇÃO DA ATUAL FUNDAMENTAÇÃO DO PENSAMENTO
BIBLIOTECONÔMICO
NA GRADUAÇÃO NO BRASIL:**

um estudo a partir de matrizes curriculares, ementas e programas de disciplinas

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, como
pré-requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha.

Rio de Janeiro

2016

C959c Cervo, Priscila de Souza Figueira.
A construção da atual fundamentação do pensamento
biblioteconômico na graduação no Brasil: um estudo a partir
de matrizes curriculares, ementas e programas de disciplinas.
/ Priscila de Souza Figueira Cervo, 2016.

68 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em
Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, jun. 2016.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.

1. Biblioteconomia. 2. Ensino. 3. Estrutura curricular. 4.
Brasil. I. Saldanha, Gustavo Silva. II. Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD: 020.071/1

Priscila Cervo

**A CONSTRUÇÃO DA ATUAL FUNDAMENTAÇÃO DO PENSAMENTO
BIBLIOTECONÔMICO
NA GRADUAÇÃO NO BRASIL:**

um estudo a partir de matrizes curriculares, ementas e programas de disciplinas

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, como
pré-requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 04 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha - Orientador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Calil Júnior – Membro avaliador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Ma. Tatiana de Almeida – Membro avaliador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

À Sônia e Henrique, meus pais, que sempre serão
uma das maiores razões para eu querer conquistar
cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me capacitado e sustentado em todas as etapas da minha vida, indo além nesses anos de graduação, fazendo um caminho para mim e indo à minha frente onde quer que eu fosse.

À minha amada família, pelo amor e apoio constantes, e por acreditarem em mim mais do que eu mesma.

Ao meu orientador Gustavo Saldanha, sem o qual eu não teria tido a grande experiência que tive durante esses anos como futura bibliotecária, como graduanda e como pessoa.

Aos professores os quais tive o prazer de conviver, e às coisas que me ensinaram, como aluna ou não. Em especial aos professores Laffayete Alvares Jr., Fabiano Cataldo, Marianna Zattar, Tatiana de Almeida, Bruna Nascimento e Robson Oliveira, que deixaram um pouquinho mais de si em mim.

Aos colegas de classe e grandes amigos que fiz, por deixarem os meus dias mais leves com suas companhias.

Aos profissionais que conheci por onde passei ao longo dessa trajetória, que me supervisionaram, aconselharam, orientaram e aprenderam comigo sobre a Biblioteconomia, a profissão de Bibliotecária (porque são coisas diferentes), e sobre a vida.

*[...] Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor [...].*

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho pretende estudar os Fundamentos da Biblioteconomia no Brasil, usando as matrizes, ementas e programas das disciplinas de fundamentação dos cursos de graduação brasileiros como objeto de estudo comparativo, dialogando com autores da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nosso objetivo geral foi compreender a construção dos fundamentos teóricos da Biblioteconomia nos currículos de graduação do Brasil. Como objetivos específicos, nós pretendemos discutir a condição da fundamentação da Biblioteconomia no Brasil hoje; identificar os conceitos centrais da fundamentação biblioteconômica a partir de ementas; mapear as autoridades e fontes presentes na fundamentação biblioteconômica a partir das referências bibliográficas dos programas. Em nossa revisão de literatura, contaremos com nomes centrais no campo biblioteconômico, Edson Nery da Fonseca, Solange Puntel Mostafa, Francisco das Chagas de Souza e Mariza Russo. Os procedimentos metodológicos vão da etapa de coleta de materiais (matrizes, ementas e programas) nos portais eletrônicos das universidades e por solicitações diretas, à análise e discussão dos dados, com a criação de quadros comparativos. Ao final do trabalho fica clara a heterogeneidade do ensino brasileiro de Biblioteconomia, baseado na estrutura curricular, nas ementas e programas dos cursos investigados, além de levantar várias hipóteses de aprofundamentos em estudos futuros.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ensino. Estrutura curricular. Brasil.

ABSTRACT

This paper aims to study the Library Foundations in Brazil, using the matrices, menus and programs of the foundation disciplines of Brazilian undergraduate courses as a comparative study object, dialoguing with authors in the field of Library and Information Science. Our overall goal was to understand the construction of the theoretical foundations of librarianship in undergraduate curricula in Brazil. In the specific objectives, we intend to discuss the condition of the grounds of librarianship in Brazil today; identify the central concepts of library science foundation from menus; map the authorities and sources present in library science reasoning from the references of the programs. In our literature review, we will have central names in the field of librarianship as, Edson Nery da Fonseca, Solange Puntel Mostafa, Francisco das Chagas de Souza and Mariza Russo. The methodological procedures begin in the material collection stage (matrices, menus and programs) on the homepages of universities and by direct requests, analysis and discussion of the data, with the creation of comparative tables. At the end of the work is clear the heterogeneity of the Brazilian teaching librarianship, based on the curriculum, the menus and programs of the investigated courses, besides raising several hypotheses of drillings in future studies.

Keywords: Librarianship. Teaching. Curricular structure. Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Mapeamento das instituições de graduação do território brasileiro.....	33
Tabela 1 -	Nomenclatura dos cursos de Biblioteconomia mapeados.....	36
Tabela 2 -	Nomenclatura das disciplinas de fundamentação da Biblioteconomia.....	38
Tabela 3 -	Disciplinas das quais foram extraídos os conceitos centrais das amentas.	40
Quadro 2 -	Conceitos centrais das ementas de fundamentos da Biblioteconomia.....	42
Tabela 4 -	Conceitos centrais das ementas de fundamentos da Biblioteconomia II...	44
Tabela 5 -	Total de disciplinas de fundamentação de cada curso.....	47
Tabela 6 -	Porcentagem de disciplinas de fundamentação em relação ao total de disciplinas da matriz.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	MARCO TEÓRICO ESTRUTURAL.....	16
2.1	O que é Biblioteconomia?.....	18
2.2	A Biblioteconomia brasileira.....	20
2.3	Os fundamentos da Biblioteconomia brasileira hoje.....	25
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: do desafio da pesquisa documental nos estudos teóricos.....	27
4	RESULTADOS.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
	REFERÊNCIAS.....	61
	APÊNDICE A - MAPEAMENTO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS REFERENCIADAS NOS PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS	63

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é buscar uma compreensão sobre a dinâmica contemporânea de construção da fundamentação biblioteconômica. Reconhecemos, desde já, uma trajetória dos estudos teóricos do campo, sempre vinculada a um difícil jogo entre teorização e aplicação, em outras palavras, trata-se da velha disputa entre teoria e prática. Esta trajetória levou, em diferentes momentos, ao apagamento e/ou ao atraso do desenvolvimento de uma perspectiva de fundamentação filosófica para a Biblioteconomia.

Passaremos por uma breve descrição da história da informação no mundo, o surgimento da Biblioteconomia e suas relações com outras áreas, como a Documentação, a Arquivologia, e a Ciência da Informação (CI), utilizando principalmente os seguintes autores: Edson Nery da Fonseca, Solange Puntel Mostafa, Mariza Russo e Francisco das Chagas de Souza. Miranda (2003, p. 86) também nos levará a um levantamento da evolução do ensino de Biblioteconomia no Brasil - através de Edson Nery - e veremos que seu ensino pode ser dividido em três grandes períodos, certos deles sobre a influência de outras culturas, como a francesa, que foi determinante para o início do curso da Biblioteca Nacional. Nesse contexto, veremos Mueller (1985) acrescentar mais duas fases às de Fonseca.

Autores que estudaram os currículos em seu desdobrar histórico no campo biblioteconômico permitem-nos a compreensão de como o foco em “teorização” e/ou “fundamentação” é tardio na história da Biblioteconomia como uma disciplina científica. Edson Nery da Fonseca (2007, p. 2), nos mostra que nos primeiros momentos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil não existiam disciplinas de fundamentação nos currículos da área. Havia, por exemplo, o estudo de catalogação, classificação e indexação, porém, sem uma disciplina que proporcionasse ao estudante a unificação de tais áreas, apesar de disciplinas como História do Livro e Organização e Administração de Bibliotecas fornecerem uma breve noção sobre as relações entre esses processos técnicos.

Dialogaremos também com autores como Ana Maria Cardoso de Andrade, Dulce Maria Bastos Metchko e Sheila Ribeiro de Campos Solla. Em seus trabalhos, as autoras discorrem sobre uma discussão antiga – mas que até hoje causa polêmica – sobre o enquadramento da Biblioteconomia no campo das artes ou das ciências, e o quanto ela seria prática e/ou teórica. Recentemente podemos identificar a procura por uma construção teórica mais robusta. Esta relação pode ser compreendida a partir do aparecimento da pós-graduação em Biblioteconomia e CI no Brasil, a partir dos anos 1970.

Como observamos ao longo dos relatos históricos dos pensadores que exploramos neste trabalho, a Biblioteconomia sempre teve seu foco voltado mais para a biblioteca em si, como instituição de depósito de material físico, visando seu quantitativo. Alguns fatores como a Revolução Industrial, por exemplo, contribuíram para que crescesse no profissional bibliotecário a perspectiva de disseminação da informação, o que impulsionou o desenvolvimento dessa área científica, incentivando a criação dos cursos de pós-graduação na área (RUSSO, 2010, p. 88-89).

Dado este cenário, tendo como preocupação central a compreensão dos modos de fundamentação contemporâneos da Biblioteconomia no contexto do ensino na graduação no Brasil, procuramos neste estudo observar o percurso de operacionalização dos fundamentos do campo biblioteconômico.

A partir dos elementos apresentados, o seguinte **problema de pesquisa** norteia nosso estudo:

- Como se dá hoje, no Brasil, a fundamentação do pensamento biblioteconômico no âmbito da graduação?

Para resolver a questão central lançada, identificamos como objetivos geral e específicos da pesquisa os enfoques abaixo descritos:

- **Objetivo geral:**
 - Compreender a construção dos fundamentos teóricos da Biblioteconomia nos currículos de graduação do Brasil.
- **Objetivos específicos:**
 - a. discutir a condição quali e quantitativa da fundamentação da Biblioteconomia no Brasil hoje;
 - b. identificar os conceitos centrais da fundamentação biblioteconômica a partir de ementas;
 - c. mapear as autoridades bibliográficas presentes na fundamentação biblioteconômica a partir das referências bibliográficas dos programas;
 - d. mapear as fontes bibliográficas centrais presentes na fundamentação biblioteconômica a partir das referências bibliográficas dos programas;

Para apresentação dos processos que levaram à construção do estudo e dos resultados e considerações gerais da pesquisa, este trabalho está organizado da seguinte forma. Após esta Introdução, faremos uma revisão de bibliografia na seção de Marco Teórico, passando por uma fundamentação da Biblioteconomia, pela história da Biblioteconomia brasileira, e enfim, chegando até a seção intitulada Os fundamentos da Biblioteconomia brasileira hoje, onde veremos panoramicamente a situação atual da fundamentação da Biblioteconomia nos currículos atuais.

Como **Justificativa** para este trabalho, traçamos uma breve reflexão sobre a trajetória biográfica que nos trouxe até este estudo.

Tudo se inicia com a disciplina Fundamentos da Biblioteconomia, ministrada pelo professor Gustavo Saldanha no primeiro período do curso de bacharelado em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no segundo semestre de 2011. A disciplina foi marcada por grande quantidade de informação a respeito deste novo campo, onde foi criado um panorama para compreender a Biblioteconomia, as diferenças e semelhanças entre ela e outras áreas do conhecimento, como a CI. Conhecemos também grandes profissionais que revolucionaram o pensar e o fazer biblioteconômico no Brasil e no mundo, assim como fatos históricos que mudaram nossas concepções.

Iniciando a experiência com pesquisa científica através da bolsa de incentivo acadêmico pela graduação, pudemos conhecer e participar do grupo de pesquisa recentemente criado “*Ecce Liber*”, coordenado pelo professor Saldanha e contando com a colaboração e participação de outros professores envolvidos na mesma área, assim como alunos de diferentes períodos da UNIRIO, inclusive formandos. Como primeiro objeto individual de pesquisa, trabalhamos com o tema Biblioteconomia comparada, fazendo um estudo sobre os bibliotecários portugueses e brasileiros e suas relações entre si e sua atuação no campo biblioteconômico.

Após alguns meses, a bolsa foi interrompida por uma oportunidade de estágio, mas mantivemos as atividades com o grupo como aluna voluntária, enquanto continuava a desenvolver meu objeto de estudo individual juntamente com as outras atividades coletivas em curso do grupo. À altura de um ano de estágio, em julho de 2012, recebi o convite do professor Saldanha a ocupar uma vaga no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e foi dado início a um período de dois anos de pesquisa acadêmica.

Com base no projeto de pesquisa do Professor – então doutor pesquisador da instituição supracitada – que tinha por tema “*Trilhar o Trivium: a Filosofia da Ciência da*

Informação na tradição filosófica da linguagem” e desenvolvemos um subprojeto para atuação da bolsista que foi intitulado de “O *Trivium* nos “Fundamentos” da Biblioteconomia e Ciência da Informação: um estudo sobre linguagem e pensamento informacional no Brasil”. Em termos gerais, o projeto visa à busca pela compreensão do papel da “linguagem” como objeto de estudo, conceito filosófico, argumento epistemológico e instrumento metodológico na construção dos estudos informacionais. Por sua vez, o subprojeto tinha como objetivo geral investigar as possibilidades de compreensão dos estudos filosóficos da CI a partir dos fundamentos das disciplinas que compõem o *Trivium*, tendo como linha teórica de diálogo a filosofia da linguagem.

Sendo assim, uma das principais atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa foi a coleta, discussão e análise das matrizes curriculares, ementas e programas de fundamentação dos cursos de graduação e pós-graduação brasileiros. Como o desenvolvimento da pesquisa foi ricamente proveitoso para a graduação ao longo do curso, e nossos interesses pessoais foram despertados para os resultados e fatores surpresa do estudo, decidimos então por adotar a experiência como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, utilizando como recorte os cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil.

A partir da experiência da primeira etapa da bolsa de PIBIC, desenvolvida em 2013/2014, e do início do aprofundamento da segunda etapa, realizou a publicação em periódico Qualis B1 do seguinte artigo científico - “SALDANHA, G. S.; CERVO, P. de S. F. A linguagem e os fundamentos da ciência da informação no Brasil: entre o desafio metodológico da pesquisa documental e os estudos epistemológico-históricos. *Datagramazero* (Rio de Janeiro), v. 15, p. 1-20, 2014”. Isso também ajudou a configurar um cenário interessante para a continuação dos estudos relacionados.

2 MARCO TEÓRICO ESTRUTURAL

A preocupação estrutural deste marco teórico foi compreender o que podemos tratar como “fundamentação biblioteconômica”, passando do plano metateórico (a teoria que reflete a si mesma) para o plano aplicado sendo este território de aplicação aqui reconhecido a partir das práticas de ensino, manifestadas nos documentos que compõem o cotidiano da vida acadêmica, como matrizes curriculares, ementas e programas.

Em um primeiro momento, propomos uma breve revisão sobre a construção filosófica dos processos de fundamentação de um saber, à busca de demarcações sobre o que, de fato, podemos considerar como espaço de “fundamentos da Biblioteconomia”, ou não.

A título de organização, a elaboração deste marco teórico segue, após esta apresentação inicial acerca da fundamentação enquanto tal, a seguinte organização:

a) procuramos primeiramente retomar as definições clássicas, de fundo epistemológico e histórico da Biblioteconomia, a saber: quais são seus conceitos tradicionais, quais elementos históricos definem sua construção e suas transformações;

b) em segundo lugar, focalizamos tais demarcações no território brasileiro, ou seja, buscamos compreender como este fundo epistemológico-histórico se aplicou aqui, a partir do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, criado em 1911;

c) por último, chegamos ao elemento de revisão de literatura que conecta diretamente nosso marco teórico ao corpus desta pesquisa: trata-se da compreensão dos fundamentos do pensamento biblioteconômico hoje. Neste último caso, estamos, naturalmente, no escopo desta seção, não intencionando definir o que a “Biblioteconomia” a partir de um mapeamento bibliográfico completo. O que nos interessa é, realizando uma breve revisão de teóricos que hoje definem a Biblioteconomia no plano bibliográfico, abrir as margens de “comparação” para o plano documental, unidade central de nosso estudo, como será demonstrado nos Procedimentos Metodológicos.

A título de recorte bibliográfico, mesmo reconhecendo que o conjunto de autores vinculados aos discursos de fundamentação da Biblioteconomia não é vasto, mas reconhecendo a dinâmica de tempo-espaço deste tipo de investigação, ou seja, a monografia de graduação, optamos por trabalhar, estruturalmente, com as seguintes autoridades nesta revisão de literatura, a saber, Solange Puntel Mostafa, Edson Nery da Fonseca, Mariza Russo e Francisco das Chagas de Souza.

A opção se dá em razão do foco destes autores, ou seja, são autoridades dedicadas centralmente às questões históricas, epistemológicas e teóricas da Biblioteconomia, sua constituição como campo do conhecimento e domínio de aplicação, o desenvolvimento de suas associações profissionais e científicas, a atuação de seus acadêmicos e técnicos. Entretanto, para complementação do discurso destas autoridades, outros pesquisadores também foram consultados e os seguintes nomes também foram adotados para compor nosso discurso, a saber: César Augusto Castro, Wilson Martins, Antonio Miranda e Nanci Oddone.

Edson Nery da Fonseca (1921-2014) nasceu no Recife em 1921, e se formou nos Cursos da Biblioteca Nacional em 1947. Foi professor organizador do primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste, na Universidade do Recife – atual Universidade de Pernambuco. Foi chefe da Biblioteca Demonstrativa de Castro Alves (Rio de Janeiro), bibliotecário do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), diretor do Serviço de Bibliografia do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Foi professor da UnB, onde dirigiu a Biblioteca Central e as faculdades de Biblioteconomia, e de Estudos Sociais Aplicados. (CASTRO, 2000 *apud* RUSSO, 2010).

Solange Puntel Mostafa possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de São Carlos, mestrado em CI pelo IBICT-UFRJ, doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado em Programação Neuro-Linguística (PNL) na Inglaterra. Professora do curso de graduação em Biblioteconomia, Ciências da Informação e Documentação da Universidade de São Paulo, tem experiência na área de Educação e Comunicação com ênfase em Processos de Informação e Comunicação. Se dedica à intercessão da Filosofia da Diferença, como as Linguagens Documentárias e a CI. (MOSTAFA, 2015¹).

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela UNIRIO, mestre em CI pelo IBICT-UFRJ, Mariza Russo é professora e coordenadora da equipe de implantação do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, nascido em 2055. Sua experiência possui ênfase em História da Biblioteconomia e da CI, Perfil do Bibliotecário Gestor, Mercado de Trabalho do Bibliotecário, entre outros (RUSSO, 2015²).

O professor Francisco das Chagas de Souza se graduou em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará, possui mestrado em CI pela Universidade Federal de Minas Gerais, e é doutor em Educação pela Universidade Metodista do Ceará. Se aposentou como professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa

¹ Citação do currículo Lattes.

² Citação do currículo Lattes.

Catarina, e faz parte do grupo de colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da instituição. Atua na área de Educação, com ênfase em Ensino Superior, principalmente na temática de Educação Bibliotecária, entre outras, com o emprego da Teoria das Representações Sociais, adotando o Discurso do Sujeito Coletivo (SOUZA, 2015³).

2.1 O que é Biblioteconomia?

De acordo com a origem grega de sua palavra, a Biblioteconomia “é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios” (FONSECA, 2007, p. 1). Regras essas que não estão restritas somente à organização física de livros e outros materiais, mas também implicam na utilização de um sistema de classificação dos conhecimentos para que possam ser acessíveis ao maior número de pessoas que necessitarem e/ou se interessarem por seus conteúdos.

A Biblioteconomia é considerada uma área do conhecimento, uma vez que abrange um conjunto de organismos, operações técnicas e princípios que dão utilização máxima aos documentos em benefício da humanidade (SHERA⁴, 1980 *apud* RUSSO, 2010). Outra definição de Biblioteconomia pode ser assumida a partir da união das palavras biblioteca e economia, no sentido de organização, administração, gestão. Dizemos ainda que

a Biblioteconomia como área do conhecimento tem seu foco inicial: a) nos acervos de livros (formação, desenvolvimento, classificação, catalogação e conservação); b) na própria biblioteca como instituição organizada (regulamento, pessoal, contabilidade, instalações, infraestrutura) e c) nos leitores – os usuários (direito e deveres, acesso ao acervo, empréstimos) (LE COADIC⁵, 2004 *apud* RUSSO, 2010, p. 37).

A palavra Biblioteconomia – *biblíon* (livros) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra) + sufixo “ia” – se estabeleceu como “o ramo da bibliologia que trata da organização e administração de bibliotecas” (FONSECA, 2007, p. 2) tanto no Brasil, quanto na Espanha e em Portugal. Ainda segundo o autor, a organização desses conhecimentos começa antes do livro chegar a ser classificado na biblioteca, o que se faz através de perfis de necessidade da instituição, como veremos posteriormente.

³ Citação do currículo Lattes.

⁴ SHERA, J. H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 90-105.

⁵ LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF, Briquet de Lemos/Livros, 2004.

Com o objetivo de registrar a produção bibliográfica mundial, em virtude da explosão documental, – 30 anos após a imprensa de Johannes Gutenberg – e de criar um Repertório Bibliográfico Universal, Henri La Fontaine e Paul Otlet fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia no ano de 1895, em Bruxelas.

No ano de 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia passou a se chamar Instituto Internacional de Documentação, e alguns anos depois, em 1937, foi fundado, nos Estados Unidos, o American Documentation Institute, constituindo então a nova ciência, à luz da obra *Traité de documentation*, de Otlet. (FONSECA, 2007, p. 4). Estas mudanças provocam uma transformação no desenvolvimento do pensamento biblioteconômico, levantando questões como mudança de nomenclatura de instituições, mudança de perfis curriculares, além da transformação de propostas teóricas. As noções “documentação” e “ciência da informação” tornam-se, em breve, presentes em grande parte das discussões dentro das instituições biblioteconômicas.

Outros fatos colocados por Edson Nery (2007, p. 4-5) nos levam a um entendimento das relações entre a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação, como a criação da Association of Special Libraries and Information Bureaux (ASLIB) em 1924, a fundação do Institute of Information Scientists (1958) – ambos em Londres – e a transformação do American Documentation Institute em American Society for Information Science, 10 anos mais tarde, institucionalizando assim a Ciência da Informação.

As atividades biblioteconômicas são executadas desde a Antiguidade, inclusive, sendo marcadas pela obra *Advis pour dresser une bibliothèque*, do francês Gabriel Naudé, no ano de 1627 (FONSECA, 2007, p. 5). O trabalho de bibliotecário era feito por homens eruditos – indivíduos estudiosos, amantes de letras e livros, que tinham como objetivo guardar com zelo o acervo e preservá-lo para o futuro –, que fundaram bibliotecas como a Biblioteca de Alexandria – a maior do mundo antigo –, no Egito, se preocupando em reunir e classificar o conhecimento registrado em forma documental. (RUSSO, 2010).

Até a época da Renascença não existia a figura do bibliotecário, uma vez que nem os livros possuíam uma “existência social”. Foi a partir do meado do século XIX que o bibliotecário é reconhecido pelo Estado como um profissional socialmente indispensável, e aos poucos surge a necessidade de um profissional especializado nas suas funções (MARTINS, 1998, p. 331-332).

A Biblioteconomia sempre esteve dividida entre erudição, a mais antiga, representada pela pioneira École Nationale des Chartes (Paris, 1821), e a técnica, que surgiu com a School of Library Economy, fundada por Melvil Dewey em 1887, Nova York. Por iniciativa da

American Library Association (ALA), no início do século XX, os norte-americanos já harmonizavam as duas vertentes. Fundada em 1876, a ALA promoveu estudos e debates sobre a questão das duas orientações, estabelecendo normas rigorosas para assumir o reconhecimento das escolas de Biblioteconomia (FONSECA, 2007, p. 97-98).

Em 1927, na comemoração dos 50 anos da ALA, foi fundada a International Federation of Library Associations, depois International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA). Na Biblioteconomia inglesa, a Library Association (LA) teve o mesmo papel importante que a correspondente norte-americana, mas reconhecendo bibliotecários, por meio de exames de certificação de qualificação. Criada no ano seguinte à associação americana, em 1877, a LA não se ateve ao território nacional, e levou a formação do profissional bibliotecário a níveis internacionais com a colaboração de outros órgãos que surgiriam futuramente.

2.2 A Biblioteconomia brasileira

No Brasil as primeiras bibliotecas foram organizadas por religiosos – Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas – nos colégios religiosos, no século XVI (CASTRO, 2000, p. 43). Os primeiros colégios foram estabelecidos pela Companhia de Jesus, na Bahia. Um nome de destaque é o do irmão Antônio da Costa (1647-1722), que dirigiu a biblioteca do Colégio da Bahia – o primeiro instaurado – e organizou seu catálogo, que foi o primeiro instrumento biblioteconômico produzido no Brasil. Na medida em que as ordens religiosas foram surgindo, novas bibliotecas foram sendo criadas (FONSECA, 2007).

Observa-se que a nossa Biblioteca Nacional (BN) anteriormente possuiu outros nomes e endereços. Fundada como Real Biblioteca, situava-se na atual Rua Primeiro de Março; com o novo nome, de Biblioteca Imperial e Pública, se mudou para a atual Rua do Passeio, em 1858; definitivamente nomeada Biblioteca Nacional em 1876, só foi para o seu atual endereço na Avenida Rio Branco (antiga Avenida Central) em 1910, exatamente 100 anos após sua fundação (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2015).

Após o terremoto de 1 de novembro de 1755 em Lisboa ter destruído a antiga Biblioteca Real portuguesa, D. João I, rei de Portugal, criou a Biblioteca Real da Ajuda, que foi trazida ao Brasil em partes, após a fuga de D. João VI para a colônia portuguesa em 1808 (CASTRO, 200, p. 43-44). Sobre tal coleção, destacamos interessante relato de um dos maiores diretores da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão:

Não se sabe, o que mais se deva admirar, se a excellencia das edições raras, se a beleza dos exemplares preferidos pelo douto colleccionador, se emfim a boa ordem e perfeição das colleções facticias, prodígio de perseverança e de cuidado. Estão nelles reunidas quasi todas as províncias do saber humano, representado pelas suas obras mais dignas de nota e estima. (GALVÃO⁶, 1889, p. 159 *apud* CASTRO, 2000, p. 44).

Apesar de a Real Biblioteca ter sido criada em 1810, ela só foi aberta ao público em 1814, o que fez com que esta perdesse o posto para a Biblioteca Pública da Bahia, que ao contrário da Biblioteca Real, foi constituída a partir de um plano estruturado de acordo com as bibliotecas públicas dos Estados Unidos e Europa, no século XVIII (FONSECA, 2007, p. 56-58).

O primeiro não-religioso a dirigir a BN foi o Dr. em Medicina José de Assis Branco Muniz Barreto, em 1846. Após ele, é nomeado Jorge Estanislau Xavier Luis Camillo Cléau, Frei Camillo de Monserrate, que foi o primeiro diretor a se preocupar com um novo prédio para armazenar corretamente o acervo em crescimento constante. Porém, o grande problema enfrentado por Frei Camillo era a falta de pessoal qualificado e em número suficiente (CASTRO, 2000).

Ramiz Galvão (1889, p. 121 *apud* CASTRO, 2000, p. 47) relata que as pessoas que trabalhavam na Biblioteca Nacional eram desqualificadas e em alguns casos até analfabetas. Os poucos capacitados para tal tarefa não permaneciam no emprego por muito tempo, e eram negligentes com o serviço, procurando por outro que pagasse melhor, porque na biblioteca o salário não era suficiente para uma vida confortável.

Esse problema foi comum na BN, visto que em 1898 ainda era relatado que o pessoal era muito faltoso e licenciado por motivo de doença. Manuel Cícero Peregrino da Silva – que viria a ser diretor da biblioteca – também relatou a carência de pessoal no relatório de 1907, conferindo ao problema o caráter de “centro do desprestígio da biblioteca frente ao público” (BIBLIOTECA NACIONAL⁷, 1907, p. 293 *apud* CASTRO, 2000, p. 48).

Após Camillo de Monserrate, Benjamin Franklin Ramiz Galvão assume a diretoria. Na ocasião, Ramiz Galvão havia visitado vários países europeus a fim de conhecer mais sobre a organização das bibliotecas do exterior (FONSECA, 2007, p. 58). Voltou então constatando que o bibliotecário deve ter “algum conhecimento das línguas grega e latina, perfeito

⁶ GALVÃO, Ramiz. Frei Camillo de Monserrate: estudo Bibliográfico. **Anaes da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.12, jan./dez. 1889. 320 p.

⁷ BIBLIOTECA NACIONAL. Relatório que ao Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra, Ministro de Estado dos Negócios do Interior e Justiça apresentou em 15 de fevereiro de 1907 o Diretor Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva. **Anaes da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.22, p. 293-301, jan./dez. 1907.

conhecimento do francês e do inglês, de história e literatura geral – e tudo isso sem excluir a ciência bibliográfica propriamente dita”. Incluía ainda que aos “empregados superiores de biblioteca” deveria “exigir-se [...] um diploma acadêmico, como o de bacharel em letras ou em ciências [...]” (RAMIZ GALVÃO⁸, 1875 *apud* FONSECA, 2007, p. 106).

Dentre as questões da reforma promovida por Ramiz Galvão, está um regulamento feito em 1879 dividindo a BN em três seções: impressos, cartas geográficas, manuscritos e estampas. O horário ao público foi ampliado, e o quadro de pessoal, modificado, ficando desta forma: um bibliotecário, três chefes de seção, três oficiais, um secretário, oito auxiliares, um guarda e um porteiro (CASTRO, 2000, p. 48).

Antônio Caetano Dias observou o concurso como “marco inicial da formação profissional do bibliotecário no Brasil” (DIAS⁹, 1955 *apud* FONSECA, 2007 p. 107). O primeiro lugar no primeiro concurso para bibliotecário foi de João Capristano de Abreu.

Os pontos das provas foram: Os Grandes Navegadores do século XV e seus Descobrimientos, em História Universal; Produtos naturais, indústria, comércio e navegação no Brasil, em Geografia; Os épicos portugueses e Moral individual e religiosa, em Literatura e Filosofia, respectivamente (CASTRO, 2000, p. 49).

As provas duravam em torno de quatro horas e no dia seguinte eram as provas de Línguas, Bibliografia, Iconografia e Classificação de Manuscritos, e seguia o modelo das provas da École de Chartes de Paris. Em 1824, a partir do documento “Artigos Regulamentares para o regimento da Bibliotheca Imperial e Pública” de frei Antônio de Arróbida, trocou-se o nome de “Prefeito” ou “Zelador” por Bibliotecário (CASTRO, 2000, p. 50).

A partir do documento de Peregrino em 1911, a BN se dividiu em: impressos, manuscritos, estampas e moedas, e medalhas. (CASTRO, 2000, p. 53). Edson Nery (2007, p. 107), ao analisar as matérias das provas dos concursos da BN, a saber, História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia (bibliologia e biblioteconomia), Iconografia, Classificação de Manuscritos, e Traduções do Latim, Inglês e Francês, constatou que havia a conciliação da cultura geral com a técnica e o instrumental linguístico. Segundo ele, conciliação essa que produz o bibliotecário ideal.

⁸ RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin. **Relatório sobre os trabalhos executados na Bibliotheca Nacional da Corte, no anno de 1874 e seu estado actual**. Rio de Janeiro: Ministerio dos Negocios do Imperio, 1875.

⁹ DIAS, Antonio Caetano. **O ensino da biblioteconomia no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, 1955.

O primeiro curso de Biblioteconomia da América Latina – e o terceiro do mundo – foi criado por Manuel Cícero Peregrino da Silva, em 1911, na Biblioteca Nacional do Brasil onde promoveu a mudança para o atual endereço – Av. Rio Branco –, e uma grande reforma de seu regimento no mesmo ano. O curso teve início em 1915, e contou com influência direta do primeiro curso da área, a École Nationale des Chartes, influência que durou até 1940, e após várias transformações, hoje é oferecido pela UNIRIO. (FONSECA, 2007).

O currículo do curso, que tinha duração de aproximadamente um ano, possuía quatro disciplinas, a saber, Bibliografia – subdividida em Administração de Bibliotecas e Catalogação –, Paleografia e Diplomática, Iconografia, e Numismática. Interrompido em 1923, reiniciou em 1931, reformulado, com duração de dois anos, e contava com as seguintes disciplinas: História Literária, Iconografia, Cartografia, Bibliografia, Paleografia, e Diplomática. Ainda sob influência do modelo francês, o curso passou a se estender para além dos funcionários da BN, e ainda havia a predominância da cultura geral em detrimento das técnicas. (RUSSO, 2010, p. 90).

Podemos destacar alguns eventos e algumas instituições de importância significativa para o campo no Brasil, como o primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (Recife, 1954), que passou a incluir, em 1957, a Documentação, e em 2002 a Ciência da Informação, tornando-se o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD). A Associação Paulista de Bibliotecários é a mais antiga do Brasil, fundada em 1938.

Em 1957 foi fundada a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), hoje com o nome de Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, com mesma sigla, e sua sede se encontra em São Paulo. Laura Russo e Rodolfo Rocha Júnior fizeram a proposta inicial no II CBBDD, pois a criação de uma entidade nacional se tornava cada vez mais necessária, pois, com o progresso da técnica e da ciência, instalavam-se cada vez mais bibliotecas, Escolas de Biblioteconomia – e com eles associações de bibliotecários – em vários pontos do país (FEBAB, 1961, p. 38 *apud* CASTRO, 2000, p.178).

A FEBAB nascia com a proposta de congregar todas as associações de classe, além do estabelecimento de um Código de Ética do Profissional, cabendo à federação:

- a) contribuir para a solução dos problemas relativos à Biblioteconomia, quer fosse nacional ou local; b) prestar assistência direta às associações filiadas; c) atuar como centro de documentação e informação das atividades biblioteconômicas no país, cuja finalidade

era contribuir para o aproveitamento cultural e técnico da categoria e para o desenvolvimento das bibliotecas brasileiras; d) congregar as Associações de Bibliotecários do País, com o objetivo de defender a classe, nos terrenos técnicos, culturais, sociais e econômicos. (FEBAB, 1961, p. 88 *apud* CASTRO, 2000, p.181).

Em 1967 foi fundada a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) em Belo Horizonte, hoje denominada Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) (FONSECA, 2007). Criado no ano de 1937 o Instituto Nacional do Livro (INL) publicou, entre outras coisas, o Guia das Bibliotecas Brasileiras.

Vale mencionar aqui também como de grande importância o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) criado em 1938, cuja biblioteca esteve sob a direção de Lydia de Queiroz Sambaquy desde 1939. A criação do Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC) em 1942, sob a coordenação da própria diretora, foi destaque de inovações no processo técnico, como grande mecanismo de integração e capacitação das bibliotecas do Brasil. O trabalho de Lydia foi de grande influência para a Biblioteconomia brasileira, tornando visível o começo de uma nova fase na área, com a implantação do novo modelo de organização de conceitos e práticas, estabilizando a esfera de competências biblioteconômicas (ODDONE, 2006, p. 47-48).

Em 1954 surgiu o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que se transformou em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – reatando as ligações com a Biblioteconomia europeia – sendo um dos órgãos mais importantes para os bibliotecários hoje, em vista da extinção do DASP e do INL. (FONSECA, 2002, p. 11).

O início da influência americana ocorreu em 1929, quando o segundo curso brasileiro de Biblioteconomia foi criado, no Instituto Mackenzie (MUELLER, 1985). O Curso Elementar de Biblioteconomia deu início ao pragmatismo de ensino, uma vez que já focalizava as técnicas biblioteconômicas. Possuía as disciplinas de Catalogação, Classificação, Referência e Organização de Bibliotecas (RUSSO, 2010).

Em 1944, a influência norte-americana chega ao Rio de Janeiro com mais uma reforma no curso da Biblioteca Nacional, que incorpora os aspectos técnicos trazidos por bibliotecários brasileiros que se especializaram no exterior. Cabe ressaltar que após essa reforma, o Curso de Biblioteconomia se dividiu em três níveis: O Curso Fundamental de Biblioteconomia – com duração de um ano –, o Curso Superior de Biblioteconomia – também

com a duração de um ano –, e os Cursos Avulsos de Especialização, para profissionais da área.

Após a criação e aprovação da lei 4.084 de regulamentação da profissão dos bibliotecários em 1962, era necessário que fossem criados os órgãos de fiscalização, o conselho federal, e os conselhos regionais, e também o código de ética profissional. Sendo assim, em 1966 foi dado início ao primeiro mandato da primeira diretoria do CFB brasileiro. (CASTRO, 2000, p. 185). Com o surgimento do desejo de promover especialização na área, o IBBD promoveu cursos chamados de Pesquisa Bibliográfica – em Ciências Naturais, Ciências médicas, ou em Ciências Matemáticas e Físicas –, em 1955, que são considerados os cursos pioneiros na área da pós-graduação (CASTRO, 2000, p.256).

Posteriormente, outros cursos foram criados – pelo próprio IBBD, pela Biblioteca Nacional, pela Associação Paulista de Bibliotecários entre outros – com a finalidade de especialização de bibliotecários (CASTRO, 2000, p. 258). A partir de 1964 os cursos do IBBD foram se modificando, e se transformaram no Curso de Documentação Científica, que futuramente daria origem aos cursos de mestrado e doutorado do atual IBICT.

2.3 Os fundamentos da Biblioteconomia brasileira hoje

Para entendermos o sentido de fundamentos, recorreremos a dicionários de Filosofia. Segundo José Ferrater Mora (1978), fundamento equivale a princípio, razão ou origem de determinada coisa. Também pode ser “aquilo sobre o qual repousa alguma coisa”, sendo a “primeira verdade sobre a qual elas são deduzidas” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 83).

Solange Puntel Mostafa, em suas publicações levanta discussões sobre a produção de conhecimento científico em Biblioteconomia, defendendo que esta área deve estar vinculada à Filosofia para que haja tais produções, ou do contrário não seria possível produzir nada de original, apenas discutindo em volta de metodologias já existentes (MOSTAFA, 1983, p. 222).

Conforme mencionado anteriormente, antigamente os currículos dos cursos de Biblioteconomia não possuíam disciplinas que unissem as práticas do dia a dia do profissional bibliotecário com o pensamento contemporâneo de atuação social do profissional da informação como educador. Figura que trabalha não só com o conhecimento como suporte, mas atua para a contribuição do avanço do intelecto do usuário da informação.

A primeira instituição no Brasil a desdobrar a matéria “Organização e Administração de Bibliotecas” – antes tida apenas como mais uma disciplina do currículo – em outras disciplinas, foi a Universidade de Brasília. (FONSECA, 2007, p. 2). Ainda segundo Fonseca (2007), a disciplina de fundamentação no curso de Biblioteconomia deve ser integradora das disciplinas de prática administrativa que são oferecidas dispersamente pela academia, formando então uma filosofia da Biblioteconomia.

Assim, seu objetivo central deve ser

mostrar ao futuro bibliotecário as relações tanto entre os diferentes processos técnicos e informativos – relações intradisciplinares – como entre ela e as demais disciplinas bibliológicas – relações transdisciplinares – e até entre a bibliologia e os conhecimentos científicos e humanísticos – relações interdisciplinares. (FONSECA, 2007, p. 2).

Concordamos com Mostafa (1983) quando afirma que a Biblioteconomia também enfrenta os “tormentos” das disciplinas de humanas, que é a difícil diferenciação entre ciência e arte, teoria e prática. Embora a filosofia seja essencial para a pesquisa biblioteconômica, ela não deve ser a maior base de suas teorias, mas sim a própria Biblioteconomia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: do desafio da pesquisa documental nos estudos teóricos

Este estudo trata-se de uma pesquisa documental, baseada na identificação, seleção e análise de matrizes curriculares, ementas e programas. A partir da identificação de matrizes curriculares, a pesquisa selecionou disciplinas de fundo teórico, incluindo as disciplinas de fundamentação direta (ou seja, de Fundamentos da Biblioteconomia) e outras, que apresentavam elementos de fundamentação.

Conforme introduzido na primeira sessão, a participação como bolsista de PIBIC influenciou diretamente na escolha do tema e objeto de estudo deste trabalho. Sendo assim, a etapa de coleta do material bruto que será descrita a seguir foi realizada desde o período de exercício da bolsa de pesquisa até o presente momento. No contexto, foi feita a coleta de materiais das instituições de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, porém, como recorte deste trabalho de monografia, utilizaremos apenas a documentação referente às universidades de graduação como objeto de análise.

Além da atuação já concluída da disciplina de Fundamentos da Biblioteconomia no curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO, foi feita previamente à coleta de materiais, breves leituras de contextualização do campo da fundamentação filosófica da Biblioteconomia, além da participação como ouvinte em eventuais aulas de disciplinas ministradas pelo professor orientador no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT-UFRJ.

Após a seleção das disciplinas, partiu-se para as ementas das disciplinas e seus programas. Foram extraídas do corpus analítico constituído, os seguintes dados: o número geral de disciplinas de fundamentação encontradas em cada matriz em relação à totalidade de disciplinas da matriz; conceitos das ementas; conceitos dos programas; autores dos programas; fontes dos programas. A partir destas variáveis, constituiu-se a etapa analítica e a etapa de discussão.

Tendo sido estabelecido inicialmente o território brasileiro como limite geográfico, decidiu-se fazer uma divisão em virtude do grande número de instituições concentradas na região Sudeste do país. Sendo assim, optamos por começar por essa região, pelo fato de estarmos localizados dentro do seu contexto, no Rio de Janeiro, e sendo assim, familiarizados com as instituições de graduação e pós-graduação dos Estados mais próximos (São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo). As demais regiões do Brasil e seus respectivos Estados foram mapeadas ao longo do segundo ano de bolsa PIBIC.

Com o auxílio dos principais diretórios institucionais utilizados como fontes de informação a respeito das instituições – Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) –, foi feita uma listagem dos cursos de graduação em Biblioteconomia. Todos os dados coletados, nos diretórios de pesquisa e nos próprios sites das instituições, foram armazenados numa planilha eletrônica, onde as informações foram organizadas, para fácil acesso para o momento de análise e discussão.

Para a seleção das instituições de ensino, foram usados critérios contextuais, e o principal deles é que o título da graduação especificasse a área da Biblioteconomia. Dentro desses critérios foram incluídas as instituições de ensino superior particular e público da região investigada. Foram então selecionados 37 cursos de graduação em Biblioteconomia – alguns contêm ênfase em outra área, como Documentação e/ou Ciência da Informação, por exemplo - de 35 instituições distintas.

Algumas instituições foram descartadas no primeiro contato, ou até mesmo antes da primeira tentativa, pois ao se fazerem as primeiras varreduras nas páginas eletrônicas dos cursos, foi possível notar que os mesmos não funcionavam mais naquela instituição e sequer estariam mencionados em alguma sessão do portal eletrônico da instituição. Ou, os cursos estariam listados normalmente como oferecidos pela instituição, com todas as informações básicas, mas ao entrar em contato por telefone, nos seria informado que o mesmo não estava mais em funcionamento a algum tempo.

Foi o caso das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA), em São Paulo, e da Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (UNINCOR), em Minas Gerais. Na FATEA, após a coleta da matriz curricular e algumas ementas, nos foi informado de que o curso havia sido desativado, sem previsão de volta às atividades. Já no caso da UNINCOR, o curso não era mencionado no portal da instituição, nem havia qualquer sinal da existência dele em outro local eletrônico, sendo automaticamente descartado.

Ainda há de se salientar que, na lista de escolas do Brasil do portal da ABECIN estão incluídos os cursos de Arquivologia e Museologia da UNIRIO, os cursos de Arquivologia da UFES e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que não foram incluídos em nosso estudo por compreendermos essas áreas como distintas da área da Biblioteconomia. Observamos que foi incluído também na relação da ABECIN, o curso de Gestão da Informação da UFPR, e decidimos por selecioná-lo para o presente mapeamento pois gostaríamos de entender seu contexto, sua nomenclatura, e qualquer fato pertinente.

Também destacamos que dentre as universidades mapeadas, que serão listadas na próxima seção, duas (UNIRIO e UFES) não puderam ser encontradas na página eletrônica da ABECIN na data da fase dos primeiros mapeamentos (Região Sudeste, em 2013.2 – 2014.1), e foram incluídas por conhecimento prévio do orientador e da autora. Na próxima seção, apresentaremos todos estes dados explicitados anteriormente, divididos em três seções secundárias, separada entre as etapas de coleta, análise e discussão dos conteúdos mapeados.

Foi então dado início à varredura de informações nos portais das universidades à procura da matriz curricular do curso selecionado, e, quando localizada, tal matriz foi recuperada em uma pasta eletrônica, juntamente com as demais matrizes. Quando não identificada a matriz de um curso selecionado no diretório, o caso foi relatado no caderno de anotações da pesquisa. Se algum tipo de ementário geral estivesse disponível no site, ele seria recuperado no mesmo momento em que a matriz, em outra pasta eletrônica destinada somente às ementas.

Após o recolhimento de todas as matrizes, foi feita a análise de cada uma delas, a fim de identificar as disciplinas que estariam dentro dos nossos critérios. Depois da análise de todas as matrizes em mãos, deu-se início ao contato com as secretarias dos cursos, através do endereço eletrônico fornecido no portal da ABECIN, ou, quando não contido no portal, disponibilizado no próprio portal da universidade.

Dado início aos contatos por correio eletrônico, era mencionado o pedido do material faltante referente a cada curso, ou seja, as possíveis matrizes e/ou ementas não disponibilizadas em linha, além dos programas das disciplinas atualizados. A princípio, o prazo estabelecido para a resposta do correio eletrônico foi de 30 dias, e após esse prazo, não existindo resposta, seria utilizado outro endereço eletrônico para fazer a mesma solicitação, e somente após esta tentativa, seria feito o contato através de telefone.

Ao serem feitos os primeiros contatos, a proposta era solicitar o material referente ao período letivo corrente na época das solicitações documentais - segundo semestre de 2013 – tanto no campo da pós-graduação, quanto no da graduação. Porém, como foi verificada a falta de documentação atualizada na maioria dos casos, passou-se a ser solicitado o material mais recente que a instituição possuísse.

Para preservar a integridade das informações, optamos por manter a formatação e normalização das referências da maneira que encontramos, somente copiando e colando. O mesmo pode ser dito das nomenclaturas das disciplinas. Muitas são abreviadas, algumas até erroneamente, mas mantivemos o mesmo posicionamento a respeito das referências. Além do

motivo de integridade das informações, iríamos necessitar de muito mais tempo do que possuíamos para que fossem feitas todas as correções nessas questões.

Optamos por selecionar as disciplinas que fundamentassem o curso de Biblioteconomia, ou seja, disciplinas cuja nomenclatura contivesse as palavras “fundamentos” e/ou “introdução”, e “Biblioteconomia”. No caso de não haver nenhuma disciplina com esse nome na matriz de algum curso, selecionamos então uma disciplina como segunda opção de análise, de acordo com o contexto da grade curricular, a fim de identificar a presença da fundamentação da Biblioteconomia, talvez, subentendida no nome. Também houve o caso em que optamos por selecionar duas disciplinas para análise, por acreditar que uma pudesse complementar a outra, e talvez juntas fornecerem a fundamentação necessária, por exemplo.

A questão do desafio metodológico da pesquisa científica vai além das dificuldades mencionadas anteriormente a respeito do mapeamento de cursos da ABECIN. O retorno à solicitação por parte das instituições não foi o esperado – menos de 50% dos contatos respondeu à primeira solicitação feita por correio eletrônico. Conforme o andamento do processo de comunicação com as instituições, observou-se que cada um dos departamentos responsáveis apresentava situações peculiares e muito individuais, motivo que levou à tomada de decisões como insistência ou desistência de tentativa de contato.

Acreditava-se que com o início dos contatos por telefone o processo de coleta de informações poderia ser facilitado e agilizado. Por outro lado, dependia do horário das ligações, que eram feitas diretamente do IBICT, ser compatível com os horários de atendimento das secretarias das escolas, institutos e/ou departamentos. Também contamos com situações adversas, como indisponibilidade de atendimento imediato por conta da única pessoa que poderia fazer o atendimento não estar presente no momento, ou pelo fato da universidade apresentar um horário de atendimento extremamente restrito, se resumindo, em alguns casos, a 4h por semana, o que acabou por estender a etapa de coleta.

Esse motivo também foi causa da diferença de número de vezes em que se tentou contato com uma determinada instituição, através de determinado suporte, visto que houve a necessidade de contatar mais a algumas do que a outras, e em intervalos de tempo diferentes, resultando numa abordagem comunicativa totalmente diferente para cada instituição pesquisada. Para algumas foi necessária a retomada de contato por correio eletrônico, por exemplo, enquanto em outros casos o atendimento foi imediato ou simplesmente inexistente.

4 RESULTADOS

Nessa seção partiremos para a exposição dos resultados, que estarão divididos em: Apresentação e análise dos dados coletados – onde falaremos a fundo dos materiais coletados, fazendo sua apresentação de forma sucinta e explicativa, analisando de uma forma geral sobre alguns aspectos dos materiais de acordo com nossos objetivos geral e específicos –, e Discussão – onde faremos discussões a luz dos pensamentos dos teóricos aqui abordados, sobre o que pudemos observar ao longo da etapa de análise.

- Apresentação e análise dos dados coletados

Precisamos esclarecer no início desta seção que das instituições encontradas no mapeamento – em exceção das duas que foram excluídas antes da coleta de materiais por motivos já citados na metodologia –, outras duas (destacadas no quadro abaixo) ficarão de fora a partir da etapa de análise das ementas, pois não conseguimos o material das matrizes de seus cursos para análise.

No caso do Instituto de Ensino Superior da Funlec (IESF), o material primário (matriz e/ou ementas) não foi disponibilizado na página eletrônica do curso, nem enviado através de correio eletrônico. Após o contato por telefone, foi solicitado pelo funcionário da instituição que no e-mail de pedido dos documentos a ser enviado a eles, fosse inserido um documento anexo, com assinatura do orientador, a fim de formalizar o pedido. Optamos por não dar continuidade à solicitação em virtude do pouco espaço de tempo, e também por acreditarmos que tal ação não seria fator determinante para a resposta positiva, com os documentos solicitados, visto que anteriormente o caso se repetiu e não houve retorno.

A situação da UNIRONDON é diferente, visto que no portal eletrônico da instituição não há qualquer registro sobre o curso de Biblioteconomia, que não aparece na lista de cursos de graduação da universidade. Após a tentativa de pesquisar no próprio portal pelo nome do curso, o mesmo apresenta erro na página, e o único meio de comunicação encontrado foi através de telefones, que não funcionavam.

As matrizes coletadas foram separadas por região e organizadas através de tabelas em arquivos de Word, onde conseguimos ter uma ampla visão dos dados básicos da instituição e do respectivo curso de graduação. Na tabela podemos ver as disciplinas que compõem a grade curricular, destacando as de fundamentação da Biblioteconomia – se houver – com suas bibliografias encontradas em suas respectivas ementas. Neste momento, apresentaremos de

forma simplificada os dados sobre os cursos mapeados durante a pesquisa, através do quadro a seguir. Construído para facilitar o entendimento e sintetizar as informações mais relevantes, o quadro 1 apresenta os nomes dos cursos de Biblioteconomia, os nomes das universidades a qual possuem e a região em que estão localizadas.

Quadro 1 – Mapeamento das instituições de graduação do território brasileiro.

ESTADO	INSTITUIÇÃO	NOME DO CURSO
RIO DE JANEIRO	Universidade Federal Fluminense - UFF	Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação
	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO	Bacharelado em Biblioteconomia
		Licenciatura em Biblioteconomia
SÃO PAULO	Faculdades Integradas Coração de Jesus - FAINC	Bacharelado em Biblioteconomia
	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP	Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação
	Pontifícia Universidade Católica - PUC Campinas	Bacharelado em Biblioteconomia
	Centro Universitário Assunção - UNIFAI	Bacharelado em Biblioteconomia
	Universidade São Paulo - USP	Bacharelado em Biblioteconomia
		Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação
	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP	Bacharelado em Biblioteconomia
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação	
MINAS GERAIS	Centro Universitário de Formiga - UNIFOR	Bacharelado em Biblioteconomia
	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Bacharelado em Biblioteconomia
ESPÍRITO SANTO	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	Bacharelado em Biblioteconomia
RIO GRANDE DO SUL	Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG	Bacharelado em Biblioteconomia
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	Bacharelado em Biblioteconomia
SANTA CATARINA	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	Bacharelado em Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação
	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Bacharelado em Biblioteconomia
PARANÁ	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Bacharelado em Biblioteconomia
	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Bacharelado em Gestão da Informação
MATO GROSSO DO SUL	Instituto de Ensino Superior da Funlec - IESF	Bacharelado em Biblioteconomia

MATO GROSSO	Centro Universitário UNIRONDON	Bacharelado em Biblioteconomia
GOIÁS	Universidade Federal de Goiás - UFG	Bacharelado em Biblioteconomia
BRASÍLIA	Universidade de Brasília - UnB	Bacharelado em Biblioteconomia
BAHIA	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação
PARAÍBA	Universidade Federal da Paraíba - UFPb	Bacharelado em Biblioteconomia
ALAGOAS	Universidade Federal de Alagoas - UFAL	Bacharelado em Biblioteconomia
PERNAMBUCO	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Bacharelado em Biblioteconomia
MARANHÃO	Universidade Federal do Maranhão - UFMA	Bacharelado em Biblioteconomia
CEARÁ	Universidade Federal do Ceará - UFC	Bacharelado em Biblioteconomia
	Universidade Federal do Cariri - UFCA	Bacharelado em Biblioteconomia
RIO GRANDE DO NORTE	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Bacharelado em Biblioteconomia
PARÁ	Universidade Federal do Pará - UFPA	Bacharelado em Biblioteconomia
AMAZONAS	Universidade Federal do Amazonas - UFAM	Bacharelado em Biblioteconomia
TOTAL	33	35

Fonte: portal eletrônico da ABECIN e conhecimentos prévios da autora.

Como visto no quadro acima, temos um total de 35 cursos de graduação em Biblioteconomia no território brasileiro no contexto atual. Podemos observar também, que esses cursos estão distribuídos entre 33 instituições de ensino superior. Temos este número diferenciado, pois duas universidades federais do sudeste possuem dois cursos da área cada uma.

Destas, a primeira identificada é a UNIRIO, situada no Estado do Rio de Janeiro, que oferece os cursos de Bacharelado em Biblioteconomia, e Licenciatura em Biblioteconomia; no Estado de São Paulo nós temos a USP, que oferece o curso de Bacharelado em Biblioteconomia na cidade de São Paulo, e o curso de Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação na cidade de Ribeirão Preto.

Ainda sobre a USP – Ribeirão Preto, podemos acrescentar que o seu curso apresenta variação de nomenclatura nos diferentes lugares em que podemos encontra-lo. O nome do curso no portal da ABECIN está de uma forma; no portal da Universidade, de outra; quando

abrimos o documento das matrizes, na página da instituição, encontramos outra nomenclatura – hora a “Biblioteconomia” está no começo do título, hora no fim, e em outra vez ela não aparece.

Pelos casos anteriormente citados, a partir deste momento, as universidades destacadas em negrito no quadro não entrarão na etapa análise, ficando então com 33 cursos em 31 instituições distintas. Conseguimos as matrizes de todos os 33 cursos, pelo portal ou por meio de solicitação eletrônica ou telefônica. Já as ementas, conseguimos de 24 dos 33 cursos, e programas, apenas 16 deles.

Vamos observar abaixo as diferentes nomenclaturas dos cursos de Biblioteconomia mapeados.

Tabela 1 – Nomenclatura dos cursos de Biblioteconomia mapeados.

INSTITUIÇÃO	NOME DO CURSO	TOTAL
UNIRIO; FAINC, PUC Campinas; UNIFAI; USP; UNESP; UNIFOR; UFMG; UFES; FURG; UFRGS; IESF; UnB; UFSC; UEL; UFPb; UFAL; UFG; UFPE; UFAM; UFC; UFCA; UFMA; UFPA; UFRN	Bacharelado em Biblioteconomia	25
UFF; UFBA	Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação	2
FESPSP; UFSCar	Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação	2
USP - Campus Ribeirão Preto	Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação	1
UFRJ	Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação	1
UFPR	Bacharelado em Gestão da Informação	1
UNIRIO	Licenciatura em Biblioteconomia	1
TOTAL		33

Fonte: portais eletrônicos das universidades mapeadas.

Como podemos ver na tabela acima, a grande maioria dos cursos tem por nome apenas o uso do termo “Biblioteconomia”, mas há aqueles que integraram outros termos às nomenclaturas de seus cursos, incluindo a Documentação, ou Ciência da Informação, ou ambos. Temos também o caso do curso da UFRJ, o qual é voltado para a gestão e o da UFPR, que nomeou o seu curso como “Gestão da Informação” apenas, não fazendo uso do termo “Biblioteconomia”.

Achamos interessante o fato de um dos cursos listados na relação de escolas de Biblioteconomia do Brasil não terem o próprio termo a que se refere no seu nome, por isso decidimos incluir tal currículo em nosso estudo. Ao analisar sua matriz curricular, podemos ver que a estrutura se assemelha a um curso de graduação em Biblioteconomia tradicional, mas não encontramos resposta aparente para a omissão do termo em sua nomenclatura.

Por fim, há o caso inédito da UNIRIO, com o novo curso de Licenciatura em Biblioteconomia, o primeiro do país. Observamos que sua matriz curricular não é exatamente igual à matriz do curso de bacharelado da mesma instituição – como esperado – pois o novo curso tem propostas diferentes.

Descendo mais um nível, vamos para um olhar da nomenclatura das disciplinas de fundamentos da Biblioteconomia de cada curso mapeado. Um fato importante e no mínimo

curioso, é que dos 33 cursos, apenas 25 possuem uma disciplina de fundamentação/introdução à Biblioteconomia. Na tabela 2 estão dispostos os 25 cursos e o nome das respectivas disciplinas.

Tabela 2 – Nomenclatura das disciplinas de fundamentação da Biblioteconomia.

INSTITUIÇÃO	NOME DA DISCIPLINA	TOTAL
UFF; UNESP; UFAM; UFC; UFCA	Introdução à Biblioteconomia	5
UFRJ; FESPSP; FURG; UFRN	Fundamentos da/em Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
UNIRIO – Bacharelado; UNIRIO – Licenciatura; UFES; UFPB; UFPE; UFSC; UFMA	Fundamentos da/de Biblioteconomia	7
PUC – Campinas	Fundamentos da Ciência da Informação e Biblioteconomia	1
USP; UFSCar; UFG	Fundamentos em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação	3
UFMG	Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	1
UnB; UDESC; UFBA; UFAL	Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
TOTAL		25

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

As instituições FAINC, UNIFAI, USP – Campus Ribeirão Preto, UNIFOR, UEL, UFRGS, UFPR e UFPA, não tem disciplina de fundamentos da Biblioteconomia. Em alguns casos foram escolhidas outras disciplinas como opção de análise da ementa, e ainda em outras vezes, mesmo com a presença da disciplina de fundamentação da Biblioteconomia propriamente nomeada, selecionamos uma segunda ementa para ser analisada.

Tal decisão se deu a fim de complementar a pesquisa e o entendimento do panorama do curso em questão, e também por cogitar a possibilidade do curso possuir duas disciplinas de fundamentação básica em função da quantidade de horas mínimas ou máximas para cada disciplina.

No caso das instituições UNIFOR e UFPA, não foi possível encontrar alguma disciplina como alternativa de análise da ementa, portanto dessa etapa em diante elas ficarão de fora das comparações. Já para as outras seis instituições nós encontramos alternativas cabíveis – UNIFAI (Introdução à Ciência da Informação), FAINC (Ciência da Informação e Biblioteconomia), USP – Campus Ribeirão Preto (Ciência da Informação), UEL (Introdução à Ciência da Informação), UFRGS (Introdução às Ciências da Informação, e Fundamentos da Ciência da Informação A) e UFPR (Fundamentos de Ciência da Informação), mas infelizmente nem todas tiveram a ementa disponibilizada (no caso da UNIFAI e UFRGS).

Sobre os cursos que tiveram mais de uma disciplina selecionada para análise, e que conseguimos obter os documentos, são: UNIRIO - Bacharelado e Licenciatura – as ementas são iguais para os dois cursos – (Introdução à Biblioteconomia, Fundamentos da Bibliografia e Documentação, e Introdução à Ciência da Informação), UNESP (Introdução à Biblioteconomia, e Introdução à Ciência da Informação), UFMG (Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, e Fundamentos da Ciência da Informação) e UFPE (Fundamentos de Biblioteconomia, e Biblioteconomia e Pensamento Científico).

A fim de alcançar o objetivo específico B – identificar os conceitos centrais da fundamentação biblioteconômica a partir de ementas –, analisamos as ementas das disciplinas selecionadas e obtivemos um panorama dos conceitos centrais da fundamentação do ensino de Biblioteconomia nesses cursos. Para resumir e organizar o pensamento, a próxima tabela irá detalhar quais disciplinas nós usamos para extrair os conceitos das ementas que nós conseguimos acesso.

Tabela 3 – Disciplinas das quais foram extraídos os conceitos centrais das amentas.

INSTITUIÇÃO	NOME DA DISCIPLINA	TOTAL
UFF; UNESP; UFSC; UFC; UFCA	Introdução à Biblioteconomia	5
UFPE	Biblioteconomia e Pensamento Científico	1
UFRJ; FESPSP; FURG; UFRN	Fundamentos da/em Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura; UFES; UFPE	Fundamentos da/de Biblioteconomia	3
UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura	Fundamentos da Bibliografia e Documentação	1
PUC – Campinas	Fundamentos da Ciência da Informação e Biblioteconomia	1
USP; UFSCar; UFG	Fundamentos em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação	3
UFMG	Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	1
UDESC; UnB; UFBA	Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
FAINC	Ciência da Informação e Biblioteconomia	1
USP – Campus Ribeirão Preto	Ciência da Informação	1
UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura; UEL; UNESP	Introdução à Ciência da Informação	3
UFPR; UFMG	Fundamentos de/da Ciência da Informação	2
TOTAL		30

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

A tabela acima contém todas as disciplinas selecionadas para análise: as de fundamentação da biblioteconomia, as disciplinas usadas como alternativa de análise para aqueles cursos que não possuem disciplinas de fundamentação da biblioteconomia propriamente ditas, e as disciplinas secundárias selecionadas além das de fundamentação biblioteconômicas em alguns casos, como mencionado anteriormente. É notório que a nomenclatura é bastante comum a alguns cursos.

A seguir temos o quadro 2, que usamos para destacar os conceitos centrais de cada curso separadamente, constituído de duas colunas: a primeira com a instituição, e a segunda com os conceitos de tal instituição agrupados, a fim de visualizar cada ementa como um todo, e cada instituição individualmente. Tais conceitos foram selecionados a partir de uma breve análise individual das ementas, levando em consideração a área de proposta de estudo da

disciplina em questão, e baseando nossas escolhas em conceitos já conhecidos no meio acadêmico da Biblioteconomia que foram incorporados ao nosso conhecimento durante os anos de graduação, com pesquisas e leituras de materiais da área.

Quadro 2 – Conceitos centrais das ementas de fundamentos da Biblioteconomia.

INSTITUIÇÃO	CONCEITOS
UFF	Biblioteconomia; Sistema de informação; Recuperação da informação; Profissional da informação; Biblioteca.
UFRJ	Biblioteconomia; Ciência da informação; Técnicas documentárias; Processo de comunicação; Mercado de trabalho.
UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura	1) IB: Biblioteconomia; Pensamento biblioteconômico; História; Instituições biblioteconômicas. 2) FBD: Bibliografia; Controle Bibliográfico; Serviços Bibliográficos; Documentação. 3) IC: Ciência da Informação; Teoria Geral dos Sistemas; Teoria da Comunicação; Centros de Informação e Cultura; Sociedade de Informação; Processos de Automação.
FAINC	Fundamentos; Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Terminologias; Unidades de informação; Mercado de trabalho; Profissional da informação; Legislação.
FESPSP	Mercado de trabalho; Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Bibliotecário.
PUC Campinas	Fundamentos; Ciência da informação; Biblioteconomia.
USP	Fundamentos; Paradigmas; Biblioteconomia; Documentação; Museologia; Arquivologia; Ciência da informação; Territórios de atuação.
USP Ribeirão Preto	Bibliografia; Documentação; Biblioteconomia; Arquivística; Museologia; Ciência da informação.
UNESP	1) IB: Biblioteconomia; Atuação profissional. 2) ICI: Ciência da Informação; Arquivologia; Biblioteconomia; Arquivistas; Bibliotecários.
UFSCAR	Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Função documentária; Unidades de informação; Legislação; Bibliotecários.
UFMG	1) IBAM: Biblioteconomia; Ciência da informação; Documentos científicos; Instituições de informação; Sistemas de informação; Profissional da informação; Bibliotecas; Bibliotecário. 2) FCI: Ciência da informação; Ciências sociais aplicadas; Paradigmas.
UFES	Biblioteconomia; Informação; Ciclo da comunicação; Unidades de informação; Socialização do conhecimento; Atividade profissional; Bibliotecário.
FURG	Fundamentos; Biblioteconomia; Ciência da informação; Terminologia; Ensino; Suportes da informação; Unidades de informação; Aspectos legais.
UDESC	Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Unidades de informação; Legislação profissional; Movimento associativo.
UFSC	Profissionais da informação.
UEL	Ciência da informação; Arquivologia; Biblioteconomia; Ciência da informação.
UFPR	Ciência da informação; Processos de comunicação.

UFG	Fundamentos; Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Arquivologia; Museologia; Unidades de informação; Mercado de trabalho; Profissional da informação; Legislação.
UNB	Biblioteconomia; Ciência da informação; Biblioteca; Conservação; Unidades de informações; Transferência da informação; Bibliotecário; Pesquisa.
UFBA	Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Biblioteca; Profissional bibliotecário; Mercado de trabalho; Formação; Legislação.
UFPE	1) FB: Biblioteconomia; Comunicação; Informação; Profissional bibliotecário. 2) BPI: Pensamento científico; Conhecimento ocidental; Biblioteconomia; Informação e conhecimento.
UFC	Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Biblioteca; Unidades de informação; Bibliotecário; Agente social.
UFCA	Biblioteconomia; Documentação; Ciência da informação; Biblioteca; Unidades de informação; Bibliotecário; Agente social.
UFRN	Biblioteconomia; Ciência da informação; Sociedade da informação; Biblioteca; Livro; Conservação; Unidades de informação; Transferência de informação; Bibliotecário.

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

A partir do quadro acima podemos cruzar informações com a tabela 3 e perceber que algumas ementas não apresentam conceitos que não condizem com uma disciplina e o nome que lhe foi dada. Nota-se que nos casos de instituições com mais de uma ementa, nós destacamos as iniciais dos nomes das disciplinas – já mencionados anteriormente - antes dos conceitos centrais para que essas fossem diferenciadas.

A ementa da disciplina de fundamentos da UFCA é exatamente igual à da UFC. Isso significa que as faculdades tentam se espelhar uma na outra já que estão tão próximas geograficamente? Isso nos parece coerente se o sentido for manter um padrão de ensino na região nordeste, mais especificamente no estado de Fortaleza. Abaixo expomos o mesmo conteúdo, mas numa tabela diferente, a fim de visualizar melhor a quantidade de vezes em que um conceito aparece, e em quais instituições.

Na figura a seguir, a tabela 4, organizamos os conceitos de uma forma diferente da anterior, para outra perspectiva. Construímos três colunas, e na primeira temos um conceito por linha em ordem alfabética, na segunda indicamos em qual instituição ele ocorreu na ementa, e na terceira pode-se conferir o número total de vezes em que ele apareceu. Ou seja, nessa tabela teremos uma visão quantitativa dos conceitos, a fim de podermos identificar quais puderam ser encontrados mais vezes que os outros.

Tabela 4 – Conceitos centrais das ementas de fundamentos da Biblioteconomia, parte II.

CONCEITO	INSTITUIÇÕES	TOTAL
Agente social	UFC; UFCA;	2
Arquivistas	UNESP;	1
Arquivística	USP – Ribeirão Preto;	1
Arquivologia	USP; UNESP; UEL; UFG;	4
Atuação/Atividade profissional	UNESP; UFES;	2
Bibliografia	USP – Ribeirão Preto; UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	1
Biblioteca(s)	UFF; UFMG; UnB; UFBA; UFC; UFCA; UFRN;	7
Bibliotecário(s)	FESPSP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UFES; UNB; UFC; UFCA; UFRN;	9
Biblioteconomia	UFF; UFRJ; UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura; FAINC; FESPSP; PUC – Campinas; USP; USP – Ribeirão Preto; UNESP; UFSCAR; UFMG; UFES; FURG; UDESC; UEL; UFG; UnB; UFBA; UFPE; UFC; UFCA; UFRN;	22
Centros de informação e cultura	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Ciclo da comunicação	UFES;	1
Ciência da informação	UFRJ; FAINC; FESPSP; PUC – Campinas; USP; USP – Ribeirão Preto; UNESP; UFSCAR; UFMG; FURG; UDESC; UEL; UFPR; UFG; UnB; UFBA; UFC; UFCA; UFRN; UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	19
Ciências sociais aplicadas	UFMG;	1
Comunicação	UFPE;	1
Conhecimento ocidental	UFPE;	1
Conservação	UnB; UFRN;	2
Controle bibliográfico	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Diálogos interdisciplinares	UNESP;	1
Documentação	FAINC; FESPSP; USP; USP – Ribeirão Preto; UFSCAR; UDESC; UFG; UFBA; UFC; UFCA; UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	10

Documentos científicos	UFMG;	1
Ensino	FURG;	1
Formação	UFBA;	1
Função documentária	UFSCAR;	1
Fundamentos	FAINC; PUC – Campinas; USP; FURG; UFG;	5
História	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	1
Informação	UFES;	1
Informação e conhecimento	UFPE;	1
Instituições biblioteconômicas	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	1
Instituições de informação	UFMG;	1
Legislação/Aspectos legais	FAINC; UFSCAR; FURG; UFG; UFBA;	5
Legislação profissional	UDESC;	1
Livro	UFRN;	1
Mercado de trabalho	UFRJ; FAINC; FESPSP; UFG; UFBA;	5
Movimento associativo	UDESC;	1
Museologia	USP; USP – Ribeirão Preto; UFG;	3
Paradigmas	USP; UFMG;	2
Pensamento biblioteconômico	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	1
Pensamento científico	UFPE;	1
Pesquisa	UnB; UFRN;	2
Processo de automação	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Processo(s) de comunicação	UFRJ; UFPR;	2
Profissional(ais) da informação	UFF; FAINC; UFMG; UFSC; UFG;	5
Profissional bibliotecário	UFBA; UFPE;	2

Recuperação da informação	UFF;	1
Serviços bibliográficos	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Sistema(s) de informação	UFF; UFMG;	2
Socialização do conhecimento	UFES;	1
Sociedade da/de informação	UFRN; UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	1
Suportes da informação	FURG;	1
Técnicas documentárias	UFRJ;	1
Teoria da comunicação	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Teoria geral dos sistemas	UNIRIO – Bacharelado e Licenciatura;	
Terminologia(s)	FAINC; FURG;	2
Territórios de atuação	USP;	1
Transferência da/de informação	UNB; UFRN;	2
Unidades de informação(ões)	FAINC; UFSCAR; UFES; FURG; UDESC; UFG; UnB; UFC; UFCA; UFRN;	10

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

Ao todo foram mapeados 51 conceitos extraídos das ementas dos cursos de graduação selecionados. Podemos ver que os conceitos que mais aparece são “Biblioteconomia” (22 vezes), seguido de “Ciência da Informação” (19 vezes). A partir daí, os termos mais comuns são: “Documentação” (10 vezes), “Bibliotecário(s)” (9 vezes), e “Biblioteca(s)” (7 vezes).

Outra questão que podemos destacar para observação e análise é a quantidade de disciplinas de fundamentação do curso em relação à quantidade total de disciplinas de sua matriz curricular.

Na tabela 5 a seguir temos a seguinte estrutura: a primeira coluna cita o nome da instituição; a segunda coluna mostra as disciplinas de fundamentação (com a palavra “fundamentos” ou “introdução” no início da nomenclatura) do curso, incluindo a(s) de Biblioteconomia; a terceira coluna indica o número das disciplinas de fundamentação encontradas na matriz / o número de disciplinas totais da matriz curricular de disciplinas obrigatórias encontradas na pesquisa.

Tabela 5 – Total de disciplinas de fundamentação de cada curso.

INSTITUIÇÃO	DISCIPLINAS DE FUNDAMENTAÇÃO	DISCIPLINAS DE FUNDAMENTAÇÃO/TOTAL DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA MATRIZ
UNIFOR	Não possui;	0/46
FAINC	Não possui;	0/40
UFPA	Fundamentos da filosofia e da lógica;	1/35
PUC Campinas	Fundamentos da Ciência da Informação e Biblioteconomia; Fundamentos educacionais do profissional bibliotecário;	2/61
UFES	Fundamentos de biblioteconomia; Introdução à filosofia;	2/36
UFAL	Introdução à informática; Introdução à biblioteconomia e à ciência da informação;	2/38
UFPE	Fundamentos de biblioteconomia; Fundamentos de organização da informação;	2/32
UFSC	Fundamentos de Biblioteconomia; Introdução à sociologia para Biblioteconomia;	2/36
UFMA	Fundamentos de biblioteconomia; Fundamentos de linguística;	2/45
UEL	Introdução à Ciência da Informação; Introdução à catalogação;	2/49
UFF	Fundamentos teóricos em informação I; Fundamentos teóricos em informação II; Introdução à Biblioteconomia;	3/39
UNESP	Introdução à Ciência da Informação; Introdução à Ciência da Computação; Introdução à Biblioteconomia;	3/43
UDESC	Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação; Introdução ao tratamento temático da informação; Fundamentos da educação;	3/45
UFPB	Fundamentos da ciência da informação; Fundamentos da biblioteconomia; Fundamentos científicos da comunicação;	3/38
UFG	Fundamentos da educação; Fundamentos em biblioteconomia, documentação e ciência da informação; Introdução aos estudos literários;	3/44
UFAM	Introdução à biblioteconomia; Introdução à filosofia; Introdução à	3/38

	comunicação;	
UFRN	Fundamentos em biblioteconomia e ciência da informação; Introdução à informática; Introdução ao tratamento temático da informação;	3/41
UNIFAI	Introdução à arquivística; Introdução à ciência da informação; Introdução à lógica;	3/39
USP	Fundamentos em biblioteconomia, documentação e ciência da informação; Introdução à análise documentária; Introdução à administração de serviços de informação; Introdução à pesquisa em ciência da informação;	4/33
UFSCar	Introdução à informática; Fundamentos de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação; Introdução à pesquisa científica; Introdução à análise de sistemas;	4/44
UFRGS	Introdução à sociologia A; Introdução às ciências da informação; Fundamentos de organização da informação; Fundamentos da Ciência da Informação A;	4/34
USP – Campus Ribeirão Preto	Introdução à estatística; Introdução às tecnologias de informação e comunicação; Introdução aos estudos linguísticos; Introdução à administração;	4/35
UNIRIO – Licenciatura	Introdução às Ciências Sociais; Introdução à Psicologia; Fundamentos da Bibliografia e Documentação; Fundamentos da Biblioteconomia; Introdução à Ciência da Informação;	5/45
UFRJ	Fundamentos da Administração; Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; Introdução à Economia; Introdução à Contabilidade; Introdução à Sociologia; Fundamentos de recursos humanos;	6/51
UFMG	Introdução à informática; Fundamentos da organização da informação; Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia; Fundamentos da Ciência da Informação; Introdução a bancos de dados; Introdução às fontes de informação;	6/42
FURG	Introdução à sociologia; Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; Introdução aos estudos	6/44

	literários: visão histórica; Introdução à lógica; Fundamentos de representação descritiva; Fundamentos da organização do conhecimento;	
UFBA	Introdução à Biblioteconomia e à Ciência da Informação; Introdução à filosofia; Introdução à administração; Fundamentos da informação; Introdução à sociologia II; Introdução aos estudos linguísticos;	6/33
UFC	Introdução à filosofia; Introdução à biblioteconomia; Introdução aos estudos históricos; Introdução a sociologia; Introdução ao controle bibliográfico; Introdução a informática.	6/36
UFCA	Introdução à filosofia; Introdução à sociologia; Introdução à biblioteconomia; Introdução aos estudos históricos; Introdução a pesquisa documental; Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da informação;	6/42
UNIRIO – Bacharelado	Fundamentos da Bibliografia e Documentação; Fundamentos da Biblioteconomia; Fundamentos de inglês instrumental; Introdução à Ciência da Informação; Introdução à Psicologia; Introdução às Ciências Sociais;	6/50
UnB	Introdução ao controle bibliográfico; Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação; Introdução à administração; Introdução à microinformática; Introdução à filosofia; Fundamentos de história literária; Introdução à comunicação;	7/33
UFPR	Introdução à gestão da informação; Introdução à lógica; Fundamentos de matemática; Fundamentos da gestão organizacional; Introdução à economia I; Fundamentos de ciência da informação; Introdução à estatística; Introdução à teoria da informação;	8/51
FESPSP	Introdução ao conhecimento científico e à ética; Introdução à psicologia das relações humanas; Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação; Fundamentos de tecnologia da informação e comunicação; Introdução aos serviços de informação; Introdução à administração; Introdução à Sociologia; Introdução à teoria da comunicação; Introdução à	10/47

	organização de arquivos; Introdução à preservação e conservação de acervos;	
--	---	--

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

Lembramos que as disciplinas foram classificadas como de fundamentação ou não pela sua nomenclatura inicial, como já mencionado antes, observa-se claramente que a maioria dos cursos tem apenas 2 a 5 disciplinas de fundamentação, incluindo as de fundamentos da Biblioteconomia, enquanto o quantitativo total de disciplinas de sua matriz é muito maior. A questão que levantamos é: estariam essas instituições mais coerentes do que as outras, ou os cursos que tem de 6 a 10 disciplinas de fundamentos estariam de acordo com o esperado?

De fato não há como obter uma resposta para essa pergunta observando apenas esse quantitativo acima, uma vez que as proporções variam muito. Por exemplo, o curso que possui mais disciplinas – PUC Campinas, com 61 – é um dos que possui o menor número de disciplinas de fundamentação, apenas uma.

Algumas instituições possuem disciplinas de fundamentação em pesquisa científica (USP, UFSCar e UFCA), e outras possuem também disciplinas a respeito deste mesmo assim, mesmo que não tenham a nomenclatura de fundamentadoras propriamente ditas – neste caso falamos de outras disciplinas que foram observadas nas matrizes fora do contexto do quadro acima. Não vamos nos aprofundar no assunto, pois nosso propósito nesse momento é focar nas disciplinas de fundamentos, e não discutirmos as grades curriculares completas.

Falando sobre habilidades de um profissional bem preparado, também podemos mencionar as disciplinas dedicadas aos estudos educacionais das faculdades da PUC Campinas, da UFG e da UDESC. São cursos de bacharel, e não de licenciatura (a fim de preparar professores ou técnicos), mas a importância da preparação do profissional bibliotecário para o papel de educador dentro de sua função é claramente reconhecida através dessa construção curricular.

Podemos ver também o caso de alguns cursos – UFMA, USP - Campus Ribeirão Preto e UFBA – terem disciplinas de fundamentação em linguística, o que nos faz pensar que há a possibilidade de estudo do *Trivium* nesse contexto, pois a linguística é uma das disciplinas triviais, que guiou o nosso trabalho de pesquisa acadêmica de iniciação científica até o tema do presente trabalho.

Outra característica forte que podemos identificar é a presença em massa de disciplinas de fundamentação ao campo da informática e/ou computação. Os cursos da UFAL,

UNESP, UFRN, UFSCar, UFMG, UFC e UnB possuem tais disciplinas, formando um grupo de três instituições ao sudeste (São Paulo e Minas Gerais), três no nordeste (Alagoas e Ceará) e uma da região centro-oeste (Brasília – DF) que abordam a temática.

Destacamos mais alguns casos que chamaram a atenção nessa breve análise da tabela acima, que é o fato do curso da UFPR possuir uma disciplina de fundamentação da matemática, e da mesma instituição e da UFRJ terem uma disciplina de introdução à economia em comum.

A UFRGS possui duas disciplinas de fundamentação/introdução à ciência da informação, mas não possui nenhuma com a temática da Biblioteconomia, por isso inclusive que selecionamos as duas primeiras disciplinas como alternativa de análise. Infelizmente não conseguimos acesso às ementas, o que poderia nos esclarecer o motivo de não haver uma de Biblioteconomia e duas de Ciência da Informação.

Mais uma particularidade que pudemos observar fora do contexto da tabela anterior é a semelhança entre as temáticas dos cursos da UFRJ e da FAINC. A primeira, desde a nomenclatura do curso já mostra que é voltada para a área da gestão, e a percepção se confirma ao observarmos sua matriz e vemos que existem várias disciplinas de administração e gestão como obrigatórias. Notamos a semelhança com a FAINC quando observamos a matriz desta segunda, e vimos que o curso possui várias disciplinas voltadas especificamente para gestão¹⁰ (contando somente com as que possuem “gestão” ou ”gerenciamento” no início do nome).

Uma última característica observada a respeito das disciplinas é o fato de que a UNIFOR não possui nenhuma disciplina de fundamentação/introdução, nem mesmo de Biblioteconomia, além de não possuir nenhuma disciplina que pudesse se encaixar como alternativa de análise para as observações anteriores.

A seguir, mostraremos através de uma simples tabela algumas relações de porcentagem referentes aos dados anteriores, que nos indica qual a porcentagem de disciplinas de fundamentação em relação ao total de disciplinas da matriz curricular de cada curso.

¹⁰ Gerenciamento de acervos informacionais, Gestão de arquivos empresariais, Gestão de informatização de unidades de informação, Gestão de projetos de ambiente informacional, Gestão de qualidade e marketing em unidades de informação, Gestão de serviços de disseminação da informação, Gestão do conhecimento, Gestão organizacional de unidades de informação.

Tabela 6 – Porcentagem de disciplinas de fundamentação em relação ao total de disciplinas da matriz.

INSTITUIÇÃO	PORCENTAGEM	INSTITUIÇÃO	PORCENTAGEM
UNIFOR	0 %	UNIFAI	7,69 %
FAINC	0 %	USP	12,12 %
UFPA	2,85 %	UFSCar	9,09 %
PUC Campinas	3,27 %	UFRGS	11,76 %
UFES	5,55 %	USP – Campus Ribeirão Preto	11,42 %
UFAL	5,26 %	UNIRIO – Licenciatura	11,11 %
UFPE	6,25 %	UFRJ	11,76 %
UFSC	5,55 %	UFMG	14,28 %
UFMA	4,44 %	FURG	13,63 %
UEL	4,08 %	UFBA	18,18 %
UFF	7,69 %	UFC	16,66 %
UNESP	6,97 %	UFCA	14,28 %
UDESC	6,66 %	UNIRIO – Bacharelado	12 %
UEPB	7,89 %	UnB	21,21 %
UFG	6,81 %	UFPR	15,68 %
UFAM	7,89 %	FESPSP	21,27 %
UFRN	7,31 %		

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.

Com a tabela 6, temos uma melhor perspectiva da proporcionalidade de diferenças entre a quantidade de disciplinas de fundamentação que há em cada curso. A tabela 5 dispõe as instituições por ordem crescente se acordo com o número de disciplinas de fundamentação, enquanto a tabela anterior indica a porcentagem, mostrando que o curso que possui mais disciplinas de fundamentação não necessariamente está em vantagem nessa questão em relação aos outros cursos.

Por exemplo, a UFPR que é a segunda instituição com maior número de disciplinas de fundamentos/introdução, fica atrás da UnB, que é a terceira, pois a UFPR possui 51 disciplinas totais na matriz, enquanto a UnB, 33. Também é o caso do curso de bacharelado da UNIRIO, que possui 6 disciplinas de fundamentação assim como as anteriores – UFCA, UFC, UFBA, FURG e UFMG – mas a margem de porcentagem é bastante inferior, devido ao seu alto número de disciplinas totais.

Iremos agora observar as autoridades bibliográficas mencionadas como referencial teórico nos programas de disciplina aqui estudados. No Apêndice A, temos uma lista com os sobrenomes das autoridades, acompanhadas da letra inicial de seus nomes para a diferenciação. Fizemos dessa forma, pois nem todas as referências que encontramos nas listas de bibliografias dos programas estão com os nomes completos dos autores, então optamos por padronizar deixando apenas as letras iniciais.

Também colocamos separadamente quando um mesmo autor escreve em conjunto com outro, para sabermos que se tratam de obras diferentes. Isso nos dá uma pauta muito maior para análise, se observarmos a fundo quais instituições usam as mesmas obras dos mesmos autores, por exemplo, e até quantos livros usam, ou se usam mais artigos de periódicos eletrônicos ou impressos, uma vez que os dados coletados resultariam em análises infinitas. Mas pelo propósito do presente trabalho e pelo tempo limitado para desenvolvimento, não será possível esgotarmos todas as possibilidades de análise e investigação neste momento.

Continuando a falar sobre a relação de autores, na segunda coluna colocamos as instituições que elegeram tal teórico em sua bibliografia, e na terceira coluna o total de vezes em que ele aparece em todo o estudo. Na tabela também foram incluídos autores (ou identidades) coletivos, como instituições e documentos oficiais.

Observando o anexo podemos ver que conseguimos encontrar 216 autoridades, retiradas apenas das bibliografias básicas dos programas. Por ordem de quantidade de menções, temos: FONSECA (E N) e VALENTIM (M L P) com 10, SOUZA (F C) com 9, LE COADIC (Y F) e ROBREDO com 8, OLIVEIRA (M) com 7, e DIAS (E J W), MC GARRY (K), MILANESI (L), ORTEGA (C D), SARACEVIC (T) e SMIT (J), com 6 vezes.

Um fator que fica evidente analisando um pouco este apêndice é que todas essas autoridades acima destacadas são citadas basicamente pelas mesmas instituições, como, por exemplo, UFMG, UEL, USP, UFSCAR e UNESP. Isso indica que há um certo padrão de ensino entre tais cursos, que pode significar algum tipo de relação entre seus corpos de professores e diretores, possuindo eles a mesma linha de estudo e pesquisa, por exemplo.

- Discussão

A Biblioteconomia por muito tempo teve a biblioteca como lócus principal, interessada no armazenamento e acumulação de itens no acervo, com a visão de formar um depósito que aumentava de valor de acordo com sua grandiosidade física. Para que a área se expandisse, foi necessária uma transformação radical, que instalou uma nova tendência, a de facilitação de acesso, a fim de desenvolver o conhecimento. Diante disso, a função dos profissionais da área devem se focar em “reunir, conservar, ordenar e distribuir a informação” (RUSSO, 2010, p. 89).

Fonseca (2007) argumenta que as bibliotecas não assumiram o papel educador de incentivo à leitura, e conseqüentemente também a função de erradicar o analfabetismo. Isto porque, observando o campo da Biblioteconomia no Brasil e em outros países, detectou-se que o grande desenvolvimento e avanço das técnicas de processamento biblioteconômicas tirou a atenção dos bibliotecários do principal objetivo da classe, de servidão à ciência.

O relato do bibliotecário P. Havard-Williams serve de sustentação a essa fala: “a preocupação com os processos técnicos das bibliotecas e não com os serviços aos leitores e com noções irrealistas de sistemas mundiais de informação levaram a que as bibliotecas se distanciassem de seus usuários.” (HAVARD-WILLIAMS¹¹, 1990, p. 252-253 *apud* FONSECA, 2007, p. 94-95).

Para que se modifique a imagem de um bibliotecário que tenha mais apreço aos livros do que aos usuários, é preciso conscientizar – se não pudermos dizer “educar” – os profissionais de que não se deve escolher seguir a carreira pelo tamanho da afeição pelos livros.

Na primeira análise do material coletado, ainda durante o processo de sistematização dos dados, levando em consideração as informações adquiridas através dos contatos, foi possível observar que os afastamentos na conceituação e na padronização entre matrizes curriculares, ementas e programas refletiram em dificuldade de cruzamento e comparação.

As ementas, portadoras de maior conjunto de elementos conceituais passíveis de investigação, representaram os dados com maior ausência de harmonia entre as instituições. Além disso, as particularidades do modo de apresentação de cada ementa geraram dificuldade

¹¹ HAVARD-WILLIAMS, P. Libraries. **1990 Brittanica book of the year**. Chicago: Encyclopaedia Britanica, 1990, p. 252-253.

de reconhecimento do papel dos termos e dos conceitos tratados como focos de cada disciplina.

Outra dificuldade central, além das disparidades entre a “discursividade” das ementas, foi a ausência de um “modelo de fundamentação” da CI no Brasil a partir de disciplinas dedicadas ao aspecto filosófico de identificação e reflexão sobre o campo informacional em sua amplitude teórico-metodológica. Ou seja, a padronização do ensino e saberes biblioteconômicos da qual fala Castro (2000) em um dos subtítulos do capítulo 5 de sua obra, se perdeu.

A inexistência de disciplinas correlatas (ou semelhantes) – e, em alguns casos, a inexistência objetiva de uma disciplina de fundamentos – resultava, naturalmente, na impossibilidade de aprofundar a reflexão comparada, que permitiria a passagem do estudo da ementa para o estudo dos programas (o que, por sua vez, nos levaria, por exemplo, ao reconhecimento de autores e obras influentes na área de Filosofia da Biblioteconomia).

Além dos percalços pontualmente relatados na coleta e sistematização dos dados, o estudo identificou a dificuldade de cruzamento de dados em razão de: a) incompatibilidade de matrizes curriculares; b) redundância de termos; c) ausência de equilíbrio entre especificidade e generalidade dos conceitos ou expressões que representam os nomes das disciplinas.

Podemos levantar algumas discussões a respeito da definição e função exata de cada nível desses documentos (matriz > ementa > programa), qual deveria ser o conteúdo de cada um deles, e até mesmo qual a importância desse tipo de documento atribuída pela instituição, e a importância de que esses documentos estejam disponíveis e de fácil localização para o aluno de pós-graduação, graduação e pesquisadores em geral.

Como vimos através do trabalho de Solange Mostafa, a discussão sobre a produção científica na área da Biblioteconomia é recorrente, e a essa altura deveria ser, de alguma maneira, menos enigmática. Já foi destacada a menção pelos autores anteriormente citados sobre a questão da falta de equilíbrio entre disciplinas técnicas e filosóficas, como sendo um dos motivos do déficit de novas teorias, metodologias e produções na área.

O que podemos ver no presente estudo sobre a realidade do ensino de Biblioteconomia no país, confirma tais estudos, que não são recentes, mostrando que ainda não é dada a devida atenção e importância a disciplinas de fundamentação de temáticas que deveriam ser básicas na área da Biblioteconomia, de interpretação do pensamento intelectual. A falta de disciplinas voltadas para a sociologia, epistemologia e metodologia em aproximadamente metade dos cursos aqui estudados, é reflexo da falta de visão dos atuais teóricos que estão deixando de expandir as perspectivas do ensino da nossa área.

A respeito da questão da fundamentação dos cursos de graduação aqui analisados, observando as ementas dos cursos e nos baseando pelas disciplinas de fundamentação propriamente ditas e nomeadas, podemos dizer que temos três categorias básicas: os cursos que cobrem muito bem essa temática com as suas disciplinas, os que cobrem razoavelmente, e os que abordam muito pouco.

Os cursos que cobrem muito bem são aqueles que possuem um bom número de disciplinas de fundamentação, falando de quantidade (de 12% pra cima). Os que cobrem razoavelmente tem um número médio, entre cerca de 6 e 7% de disciplinas de fundamentação. Consideramos os que abordam muito pouco, os que possuem menos de 6% de disciplinas de fundamentação.

Observamos, porém, que mesmo que não possuam várias disciplinas com a nomenclatura de fundamentação, independente da porcentagem delas, elas cumprem o papel da fundamentação de acordo com suas ementas e programas. Mesmo que alguns cursos não apresentem tantas disciplinas com as exatas palavras “fundamentos” ou “introdução” no início, podemos perceber que há sim disciplinas que cumprem esse papel sem esses nomes.

Porém, não há muitas evidências de interesse em estudar a fundo a construção histórica da fundamentação da Biblioteconomia na maioria das disciplinas dos cursos, tanto nas disciplinas com os nomes de fundamentação, quanto nas que não tem especificamente. São raros os cursos que possuem em suas ementas a expressão de abordar os pensamentos históricos.

Inclusive, a grande maioria dos cursos realmente não especifica que tal disciplina é de fundamentação indicando com o termo, mas simplesmente com o título referente ao tema. Por exemplo, um curso que tenha uma disciplina com o nome de “Sociologia”, ou “Filosofia básica”, pode, sem dúvidas, fundamentar um aluno naquela área do conhecimento tão bem quanto se houvesse a palavra de introdução.

A nomenclatura das disciplinas não é um fator que determina se ela é capaz de fundamentar ou não certo tema, na verdade o que diz o seu propósito são as ementas, e a partir delas nós podemos dizer que sim, as disciplinas cumprem o papel de introduzir suficientemente um aluno filosoficamente e sociologicamente. No caso das epistemologias, realmente há poucas disciplinas destinadas a essa temática específica.

Em relação às fontes de fundamentação adotadas pelos cursos como bibliografia obrigatória nas disciplinas de fundamentos da Biblioteconomia, temos muitos autores em comum, e muitos deles são antigos teóricos que falam sobre a importância da integração da filosofia e sociologia com o pensamento biblioteconômico. Porém, no que se trata das

disciplinas da matriz como um todo, o ensino da Biblioteconomia no Brasil hoje está muito mais “gerencial” do que antes, uma vez que os estudos estão voltados para a gestão e administração de bibliotecas como uma empresa apenas, e não como uma instituição de educação com seu devido papel social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como início das considerações finais, vamos relembrar os pontos iniciais principais da estrutura do trabalho, que são: Problema de pesquisa, Objetivos geral e específicos, e Justificativa. O problema de pesquisa é “Como se dá hoje, no Brasil, a fundamentação do pensamento biblioteconômico no âmbito da graduação?”, e para resolver a questão central lançada, temos como objetivo geral: Compreender a construção dos fundamentos teóricos da Biblioteconomia nos currículos de graduação do Brasil.

De uma maneira geral, nós conseguimos construir um panorama do ensino de Biblioteconomia no país, voltando nossos olhares para a fundamentação do campo, entendendo como é a situação atual geral, e também atentando para as descobertas de particularidades e semelhanças entre os cursos e disciplinas.

Para chegarmos a isso, nós discutimos a condição quali e quantitativa da fundamentação da Biblioteconomia no Brasil hoje; identificamos os conceitos centrais da fundamentação biblioteconômica a partir de ementas; mapeamos as autoridades bibliográficas presentes na fundamentação biblioteconômica; conhecemos as fontes bibliográficas centrais presentes na fundamentação biblioteconômica a partir das referências bibliográficas dos programas.

Os resultados não foram tão precisos e centrados no sentido de comparações e equivalências mais específicas por motivo da heterogeneidade e falta de padronização das nomenclaturas dos cursos e disciplinas, das grades curriculares e objetivos dos cursos.

Sobre as diversas percepções e experiências ao longo da pesquisa e da confecção do trabalho de conclusão de curso, podemos destacar algumas impressões e aprendizados de características mais marcantes. Alguns diretórios de instituições de pesquisa renomadas e legitimadas em Ciência da Informação, como ANCIB e ABECIN foram consultados, junto de outras fontes, o que permitiu o aprendizado e a avaliação crítica dos modos e dos meios de produção do conhecimento no campo informacional.

A respeito de nomenclaturas, Fonseca (2007) nos mostrou que a profissão de bibliotecário, que antigamente era exercida por mestres eruditos, começou a ser assim nomeada posteriormente por causa da sua origem, com o sufixo “ario”, indicando aquele que trabalha em biblioteca. Vimos que hoje em dia isso não significa, obrigatoriamente, que tal profissional seja munido de conhecimento em Biblioteconomia, e para evitar conflitos de entendimento, o dicionário da língua portuguesa hoje em dia denomina o especialista em Biblioteconomia como biblioteconomista.

Antes da lei 4084/62, que regulamenta o exercício da profissão dos bibliotecários, a certificação de especialização em Biblioteconomia vinha com o título de Bibliotecário, mas após a lei entrar em vigor, instituiu-se o título de Bacharel em Biblioteconomia, na intenção de evitar a consequente ambiguidade que ainda ocorre no Brasil e em Portugal.

Ora, se uma pessoa que não possui conhecimento técnico “formal” sobre a Biblioteconomia, tampouco possui certificação de estudo na área, poderia – e pode – ser chamada bibliotecária, por que um profissional não pode sair de uma universidade certificado com tal título? Após esse percurso de fundamentação e pesquisa decorridos ao longo deste trabalho, arriscamos uma possível resposta para esta pergunta.

Antigamente, os pensadores que trabalhavam em bibliotecas não tinham técnicas na proporção que conhecemos nos dias atuais, que foram – e ainda estão – sendo desenvolvidas ao longo dos séculos pelos pensadores. Eles trabalhavam com a “arte”, ou seja, com a “alma” de bibliotecário que iriam desenvolvendo e aprimorando conforme as atividades diárias. Eles eram artistas de bibliotecas, sem a formalidade acadêmica. Com o avanço da Biblioteconomia como ciência – das técnicas como catalogação, indexação, classificação (CDD e CDU) – foi se perdendo a antiga essência, se preocupando muito mais com o fazer técnico, esquecendo-se do fazer artístico.

Uma disciplina de Fundamentos da Biblioteconomia bem estruturada é uma das primeiras ferramentas que podem ser utilizadas para resgatar a arte bibliotecária, uma vez que através dela o aluno pode enxergar a união das técnicas bibliotecárias com os propósitos e justificativas de cada uma delas, e formar em si próprio a uma filosofia da Biblioteconomia, que vai fazer a diferença entre um profissional biblioteconomista, e um biblioteconomista bibliotecário.

Mesmo que determinado curso não possua uma rica fundamentação filosófica no começo do curso, o aluno também tem responsabilidade em explorar as fontes a ele apresentadas a fim de acrescentar mais arte às suas técnicas. Cabe às instituições de ensino fornecerem aos seus alunos, disciplinas de introdução e fundamentação filosófica para que cada vez mais o mercado de trabalho e a comunidade usuária da informação sejam contemplados com profissionais que sejam grandes cientistas biblioteconômicos e também ótimos artistas bibliotecários.

Se ainda não é possível alcançar a mobilização dos atores da educação para tamanhas mudanças nos currículos, cabe aos educadores da área de fundamentação tomar a iniciativa de enriquecerem seus programas disciplinares com as abordagens filosófica e epistemológica,

levando o aluno iniciante no curso a desenvolver desde cedo o pensamento construtivo, exercitando novas metodologias e perspectivas práticas e teóricas.

Acreditamos, com este trabalho, termos criado uma interessante obra de referência, uma vez que conseguimos reunir em um só documento, uma rica contextualização da história da Biblioteconomia, seus maiores atores e personalidades, instituições e eventos que, podemos dizer, são de leitura obrigatória a qualquer candidato a bibliotecário.

Como o mapeamento realizado foi de extensão considerável, e o material conseguido muito rico, pretende-se desenvolver mais trabalhos sobre o tema dos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil e aproveitar o estudo e percepções já desenvolvidos. Um dos pontos interessantes a serem abordados futuramente é a questão de alguns cursos de Arquivologia e Museologia estarem inclusos na relação de escolas brasileiras da ABECIN, enquanto os cursos de Biblioteconomia da UNIRIO teriam sido deixados de fora da listagem até a data de coleta de informações desta pesquisa.

Outra questão que gostaríamos de abordar é a respeito da página da ABECIN em si, seus propósitos e funcionalidades, a falta de atualização das informações e/ou divergência destas num portal de consulta sobre a área acadêmica ativa. Inclusive a inserção dos cursos de Biblioteconomia da UNIRIO e da UFES numa recente atualização da página após um período de inatividade.

Outras partes pontuais deste trabalho também podem ser melhor exploradas com outras finalidades, como participações em eventos, publicações de artigos independentes etc., usando inclusive os levantamentos referentes à pós-graduação em Biblioteconomia e CI no Brasil, que foi mapeada durante os levantamentos iniciais do período de Iniciação Científica, como outra parte dos estudos de ensino no país.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Maria Cardoso de; METCHKO, Dulce Maria Bastos; SOLLA, Sheila Ribeiro de Campos. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da Biblioteconomia. **R. Esc. Bibliotecon.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 153-162, set. 1981.
- CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000. 288 p.
- FONSECA, Edson Nery da. Ciência da Informação e prática bibliotecária. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 125-127, jul./dez. 1987.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2007. 152 p.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.bn.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 27 dez. 2015.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.
- MIRANDA, Antonio. **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília, DF: Tesaurus, 2003. 212 p.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- MOSTAFA, Solange Puntel. A produção de conhecimentos em Biblioteconomia. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 221-229, jul./dez. 1983.
- MOSTAFA, Solange Puntel. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787778P7>>. Acesso em 27 dez. 2015.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.
- ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.
- RUSSO, Mariza. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4773039A0>>. Acesso em 27 dez. 2015.
- RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010. 178 p. Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. (Série Didáticos, n. 1).

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das ciências documentais à ciência da informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 174 p. Coleção Biblioteca das Ciências do Homem. (Série Plural, n. 4).

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783245A2>>. Acesso em 27 dez. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Em busca de outra estrutura de educação bibliotecária para o Brasil. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 18-21, jan./dez. 1995.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Ensino de Biblioteconomia no Brasil: o modelo norte-americano. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 16-19, jan./dez. 1993.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Os paradigmas da Biblioteconomia e suas implicações no ensino desta ciência. In: ENCONTROS BIBLI, 2., 1996, Florianópolis. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 2, 1996.

**APÊNDICE A – MAPEAMENTO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS
REFERENCIADAS NOS PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS**

MAPEAMENTO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS REFERENCIADAS NOS PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS		
AUTOR	INSTITUIÇÃO	NÚMERO DE PROGRAMAS EM QUE APARECE
ALMEIDA (M C)	UFMG	1
ALMEIDA JR (O F)	USP; UDESC; UFG	3
ALVES (R)	UFMG	1
ANDRADE (A M)	UFMG	1
ANDRADE (Mário)	FESPSP	1
AQUINO	USP; UFMG; UEL; UFPE	4
ARAÚJO (C A)	USP; UFES; UEL	3
ARAÚJO (V M)	UFMG	1
ATERTON (Pau)	FAINC	1
AZEVEDO (A W)	UFES	1
BACCEGA (M A)	FAINC	1
BÁEZ (F)	UFF; UFCA	2
BAGANHA (F)	UDESC	1
BAPTISTA (D M)	UFES	1
BAPTISTA (S) e BRANT (M B)	UFES	1
BAPTISTA (S) e MUELLER (S P)	UFMG; UFES	2
BARATIN (M) e JACOB (C)	UFF; USP	2
BARBOSA (R R)	USP - Campus Ribeirão Preto	1
BARRETO (A)	FESPSP; UFMG	2
BATTLES (M)	UFF; UFCA	2
BELLOTTO (H L)	UFMG	1
BICALHO (L M) e OLIVEIRA (M)	UFES	1
BORGES (J L)	UFMG	1
BORKO (H)	USP; UFSCAR; UEL	3
BOUCHE (R)	USP - Campus Ribeirão Preto	1
BRADFORD (S C)	USP; USP - Campus Ribeirão Preto	2
BRASIL, Leis	UDESC	1
BRITO (D J)	UNESP	1
BRONOWSKI (J)	UFPE	1
BUCKLAND (M K)	USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UNESP	3
BUFREM (L)	UFES	1
BURKE (P)	UFMG; UFPE	2
BUSH (V)	UNESP	1
BUTLER (P)	USP; UNB	2
BUZZI (A)	UFMG	1
CACALY (S)	USP	1
CAMARGO (A M) e BELLOTTO (H L)	UNESP	1

CAMPELO (B S)	UFES	1
CAMPOS (M L A)	UFES; UDESC	2
CANÇADO (V L) + 2	USP	1
CANFORA (L)	USP	1
CAPURRO (R)	USP; UFSCAR; UFMG; UEL	4
CAPURRO e HJORLAND	USP	1
CARVALHO (J)	UFES; FURG	2
CARVALHO (K) e REIS (M B)	UFES	1
CARVALHO (L M) e CARVALHO (M M)	UFES	1
CASTRO (A C)	FESPSP	1
CASTRO (C A)	UFF; USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UNESP; UFSCAR; UFES; UDESC; UFPE	8
CFBIBLIO	FAINC; UFSCAR; UFES; UDESC	4
CFEDUCAÇÃO	FAINC	1
CFMUSEO	UFSCAR	1
CHALMERS (A F)	UFPE	1
CHAUÍ (M)	UFMG; UFPE	2
CHRÉTTIEN (C)	UFPE	1
CLAIRG (G)	UFG	1
COHEN (D)	USP - Campus Ribeirão Preto	1
CONTI (D) e PINTO (M)	UFES	1
CORDEIRO (E C) e DIMÁRIO (C J)	UDESC	1
CORRÊA, (E C) e PRADO (J M)	UDESC	1
CORTE (A) e BANDEIRA (S)	UFES	1
COTRIM (G)	UFPE	1
CRIPPA (G)	USP - Campus Ribeirão Preto; UFMG	2
CRIPPA (G) e MOSTAFA (S)	UEL	1
CRONIN (B)	UFMG	1
CUARTAS (E) ET ALL	UFES	1
CUNHA (M B)	UFMG; UFES	2
CUNHA (M B) e CAVALCANTI (C R)	USP; UFES	2
CUNHA (M F)	USP	1
CURRAS (E)	UNB	1
CYSNE (F P)	UFG; UFPE	2
DARNTON (R)	UFES	1
DEUS (C C)	UFES	1
DIAS (E J W)	FESPSP; USP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UEL	6
DOMINGUES (I)	UFMG	1
DORA (E L)	UFES	1
DUARTE (A B S)	UFES	1
DURBAN ROCA (G)	UFES	1
DZIEKANIAK (G) e ROVER (A)	UDESC	1
ECO (H)	UFES	1

ENCYCLOPÉDIQUE	USP	1
EPSTEIN (I)	UFMG	1
ESPECIFICIDADES	USP	1
FBNACIONAL	UFES	1
FERNANDES (G C)	UNESP	1
FERREIRA (D T)	UFMG	1
FERREIRA (L S)	FAINC	1
FEYERABEND (P)	UFPE	1
FIGUEIREDO (N)	USP; UFES	2
FLUSSER (V)	UFMG; UNB	2
FONSECA (E N)	UFF; USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UFSCAR; UFES; FURG; UDESC; UFG; UNB; UFPE	10
FONSECA (M O)	UNESP; UFMG; UEL	3
FOSKETT (D J)	UFSCAR	1
FOUREZ (G)	UFPE	1
FRAGA (N) MATTOS (C E) e CASSA (G A)	UFES	1
FREIRE (G)	FESPSP	1
FREIRE (G) e FREIRE (I)	UFMG; UEL	2
FREIRE-MAIA (N)	UFPE	1
FREITAS (L) MARCONDES (C) e RODRIGUES (A)	UFMG; UEL	2
FROELICH (Th)	USP - Campus Ribeirão Preto	1
FUJITA (M S) MARTELETO (R M) e LARA (M G)	UFMG; UEL	2
GALVÃO (M C B)	UNESP; UFSCAR; UFMG	3
GARCIA (J C) e TARGINO (M G)	UFMG; UEL	2
GOMES (H E)	UFMG	1
GOMES (H F)	UNESP	1
GOMES (H F) BOTTENTUIT (A M) e OLIVEIRA (M O)	UFES	1
GONZALEZ DE GOMES (M N)	UNB	1
GUIMARÃES (J A)	USP; UFSCAR	2
GUINCHAT (C) e MENOUE (M)	USP; UFMG; UNB	3
HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ (F)	UFMG	1
IBICT	FESPSP	1
JACOB (C) e BARATIN (M)	UFSCAR	1
JAPIASSU (H)	UNB	1
JARDIM (J M)	UFMG	1
JARDIM (J M) e FONSECA (M O)	USP - Campus Ribeirão Preto; UNESP	2
JOB (I) e OLIVEIRA (D A)	UFES	1
KOYRÉ (A)	UFPE	1
KUHLTHAU (C C)	UFES	1
KUHN (T S)	UFPE	1
LAHARY (D)	USP	1

LAKATOS (I) e MUSGRAVE (A)	UFPE	1
LANCASTER	FAINC	1
LANGRIDGE (D)	UFMG	1
LE COADIC (Y F)	FESPSP; USP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UFES; FURG; UEL	8
LEVÝ (P)	UFMG	1
LOPES (L C)	UNESP	1
LOPES YEPES (J)	USP; UFMG; UEL	3
MACHADO (E C)	UFES	1
MACHADO (U D)	UFG	1
MACIEL (A C) e MENDONÇA (M A)	UFPE	1
MAGÁN WALS (J A)	UFG	1
MAIMONE (G D) SILVEIRA (Naira) e TÁLAMO (M F)	UFES	1
MALHEIRO (A) e RIBEIRO (F)	UFMG; UEL	2
MARTINS (W)	USP; UFSCAR	2
MASUDA (Y)	UNB	1
MATTOS (M A R)	UNB	1
MC GARRY (K)	USP; UFSCAR; UFMG; UDESC; UEL; UFCA	6
MEADOWS (A J)	UFMG; UFES; UEL	3
MEYRAT (J)	USP	1
MILANESI (L)	USP; UFSCAR; UFMG; UFES; UFPE; UFCA	6
MIRANDA (A)	UFSCAR	1
MODESTO (F)	UFES	1
MORAES (R B)	UFF; UFSCAR; UNB; UFCA	4
MOREIRA (M J) CARDIM (N) e DIB (N)	UFES	1
MOREIRO (G)	USP - Campus Ribeirão Preto	1
MORIGI (V J) e SOUTO (L R)	UDESC	1
MORIN (E)	UFPE	1
MUELLER (S P)	UNESP; UFES	2
MURGUIA (E)	UFMG; UEL	2
NAUDÉ (G)	USP	1
NEVES (E C) e LONGO (R)	FESPSP	1
OLIVEIRA (M)	UFF; FESPSP; USP; UFSCAR; UFMG; UDESC; UEL	7
OLIVEIRA (M) ET ALL	UFES	1
ORTEGA (C D)	USP; UFSCAR; UFES; FURG; UDESC; UFPE	6
ORTEGA Y GASSET (J)	UFF; USP; UFES; FURG; UDESC	5
OTLET (P)	USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UFSCAR	3
PASSARELLI (B)	UFES	1
PEREIRA (E C) e OLIVEIRA (A M)	UFES	1
PÉREZ PULIDO (M)	USP	1
PINHEIRO (L V)	UFF; UNESP; UFMG; UFPE	4

POBLACIÓN (D)	FAINC	1
POLLI (J R) e VARES (S F)	UFES	1
POMIAN (K)	USP	1
PRIGOGINI (I) e STENGERS (I)	UFPE	1
RABELLO (R)	USP	1
RANGANATHAN	UFMG; UFES; FURG	3
RASCHE (F)	UFES	1
RASCHE (F) e ALMEIDA (C)	UFSCAR	1
RENDÓN ROJAS (M)	UFMG; UEL	2
REZENDE (Y)	FAINC	1
RIBEIRO (F)	USP	1
ROBREDO (J)	USP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UFES; FURG; UEL; UFPE	8
ROSEMBERG (D S) e CORREA (L H)	UFES	1
ROUSSEAU (J Y)	UFMG	1
SANTOS (B S)	UFMG; UEL; UFPE	3
SANTOS (G C) e PASSOS (R)	UFES	1
SANTOS (J M)	UFES	1
SANTOS (J P)	UNESP	1
SANTOS (P M)	USP	1
SARACEVIC (T)	FESPSP; USP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UEL	6
SCHWARCZ	UFF; UFCA	2
SCHWEITZER (F) e CUNHA (M V)	UFES	1
SHANNON (C) e WEAVER (W)	UFMG; UEL	2
SHERA (J H)	USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UNESP; UFSCAR; FURG	5
SILVA (A Malheiro)	USP; UNESP; UFMG; UEL	4
SILVA (E M)	UFMG	1
SILVA (E P)	UFMG; UEL	2
SILVA (J L)	UFES	1
SILVA (J L) e FREIRE (G)	UFES	1
SILVA (J L) e SILVA (R L)	UFES	1
SILVA (N C) DIB (S F) e MOREIRA (M J)	UFES	1
SILVA (T E)	UEL	1
SIQUEIRA (J C)	UFES; UDESC	2
SMIT (J)	FESPSP; USP; USP - Campus Ribeirão Preto; UNESP; UFSCAR; FURG	6
SMIT (J) TÁLAMO e COBASH	UFMG	1
SOLOMON (R C)	UFPE	1
SOUTO (L F)	UFES; UDESC	2
SOUZA (C M)	USP; UFSCAR	2
SOUZA (E D)	UFES	1
SOUZA (F C)	FAINC; FESPSP; USP; UNESP; UFES; UDESC; UFG; UFPE; UFCA	9

SOUZA (R F) STUMPF (I R)	UFES	1
SOUZA (S)	UFPE	1
SOUZA (T B)	UFES	1
TAPARANOFF (K)	FESPSP; UFMG	2
TARGINO (M G)	UFF; UFES; UFG; UFCA	4
TITÃO (F P) e VIAPIANA (N)	UFES	1
TOGNOLI (N B) e GUIMARÃES (J A)	USP	1
TOUTAIN (L)	UFMG; UEL	2
VALENTIM (M L P)	UFF; FESPSP; USP; UNESP; UFSCAR; UFMG; UFES; FURG; UDESC; UFPE	10
VARELA (A)	UFES	1
VIANA (M G)	UFMG	1
WALTER (M T M T) e BAPTISTA (S G)	UFCA	1
WANDELLI (R)	FAINC	1
WERSIG (G)	UFMG; UEL	2
WILDEN (A)	USP	1
ZAFALON (Z R)	UFES	1
ZAHER (C R)	USP	1

Fonte: documentos disponíveis nos portais eletrônicos das universidades pesquisadas, ou fornecidos diretamente a nós no ato da coleta de dados.